


Viagem do olhar

A photograph of three people in a lush, green forest. A young man in a light purple tank top and a young woman in a blue tank top and teal shorts are leaning over a woman in a pink tank top. The woman in pink is holding a small silver digital camera and looking at it. The man in purple is also looking at the camera. The woman in blue is looking on. They are all smiling and appear to be enjoying their time in the forest. The background is filled with dense green foliage and trees.

Experiências do
Ponto de Cultura
CECIP.Megapixel

Viagem do olhar

Experiências do Ponto de Cultura
CECIP.Megapixel

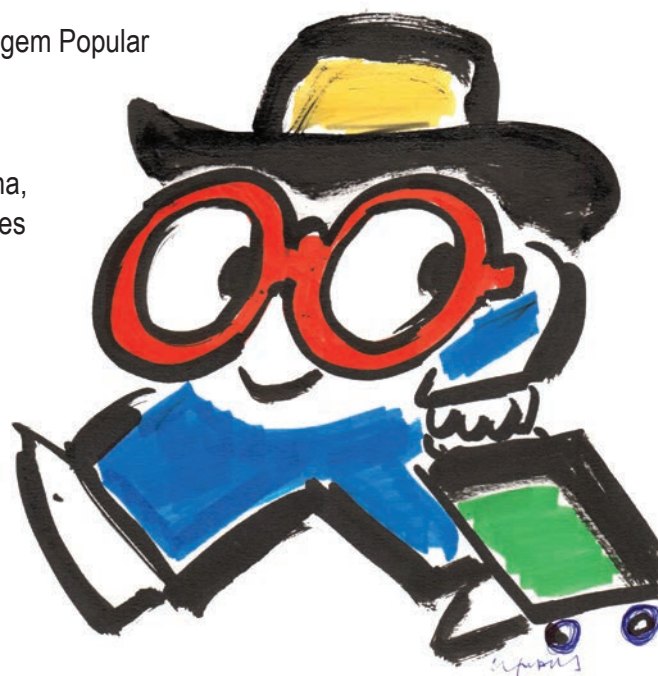
ORGANIZAÇÃO CECIP Centro de Criação de Imagem Popular

COORDENAÇÃO Gianne Neves

TEXTO ORIGINAL Cecília Figueiredo, Jiddu Saldanha,
Luiz Carlos Lima e Bárbara Moraes

EDIÇÃO DE TEXTO Madza Ednir

Rio de Janeiro, dezembro de 2015



VIAGEM DO OLHAR - Experiências do Ponto de Cultura CECIP.Megapixel

Organização CECIP Centro de Criação de Imagem Popular

Coordenação Gianne Neves

Texto original Cecília Figueiredo, Jiddu Saldanha, Luiz Carlos Lima e Bárbara Moraes

Edição de texto Madza Ednir

Transcrição de entrevistas Carla Modesto

Revisão Sonia Cardoso, Dinah Frotté, Claudia Ceccon

Projeto gráfico Shirley Martins

As fotos desta publicação foram realizadas por Cecília Figueiredo, Luiz Carlos Lima, Bárbara Moraes, Jiddu Saldanha, Gianne Neves, Ricardo Aleixo, João Gilberto Lopes e participantes das oficinas do Ponto de Cultura CECIP. Megapixel.

Esta publicação é uma realização do CECIP – Centro de Criação de Imagem Popular, que sistematiza as experiências do Ponto de Cultura CECIP.Megapixel, realizado de 2010 a 2015 com o apoio da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, no âmbito do Programa Cultura Viva.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

V598 Viagem do olhar [recurso eletrônico] : experiências do Ponto de Cultura CECIP.Megapixel / organização: CECIP Centro de Criação de Imagem Popular ; coordenação: Gianne Neves ; texto original : Cecília Figueiredo ... [et al.] ; edição de texto: Madza Ednir . - Rio de Janeiro : CECIP, 2015. 52 p. : il. color. ; 21 cm.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

ISBN 978-85-99946-26-8

1. Centro de Criação de Imagem Popular. 2. Organizações não-governamentais – Brasil. 3. Tecnologia educacional - Brasil. 4. Ensino audiovisual – Brasil. 5. Educação – Aspectos sociais – Brasil. 6. Cultura popular – Brasil. 7. Cidadania – Brasil. I. Neves, Gianne. II. Figueiredo, Cecília.

CDD – 306.430981

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Lioara Mandoju CRB-7 5331

CECIP

CENTRO DE CRIAÇÃO DE IMAGEM POPULAR

Diretor executivo Claudius Ceccon

Diretora administrativa financeira Dinah Frotté

Coordenadora de projetos Claudia Ceccon

Diretor financeiro Elcimar Oliveira

PONTO DE CULTURA CECIP.MEGAPIXEL

Coordenação de projetos Monica Mumme (2010/2011)

Coordenação Cecília Figueiredo e Gianne Neves

Equipe de facilitadores Luiz Carlos Lima, Jiddu Saldanha, Bárbara Moraes, João Gilberto Lopes, Carla Modesto

Equipe de apoio do CECIP Marcelo Avance, Roberta Maçãs, Néia Oliveira, Sirlene da Silva Alves, Olivia Lopes, Laura Oliveira

Agradecimentos

À toda equipe do CECIP, à Gerência da Rede de Pontos de Cultura, aos parceiros e participantes das Oficinas e a todos que contribuíram para a realização do Projeto.

CECIP Centro de Criação de Imagem Popular

Rua da Glória, 190 / 202 - Glória

Rio de Janeiro - RJ - 20241-180

(21) 2509-3812

www.cecip.org.br

Sumário

APRESENTAÇÃO	5
1 O CECIP, os direitos e as novas tecnologias de informação e comunicação	7
1.1 Uma organização ajudando a conquistar direitos e a construir cidadania	8
1.2 A metodologia CECIP.....	8
1.3 Incorporando a evolução das TICs.....	10
2 Como o CECIP se tornou um Ponto de Cultura	11
2.1 O Minc e o “Cultura Viva”	12
2.2 Cultura, educação e comunicação em comunidades de aprendizagem	13
3 O Ponto de Cultura CECIP.Megapixel	15
3.1 Objetivos propostos para o território	16
3.2 Uma metodologia participativa do Ponto de Cultura	16
3.3 Recursos materiais.....	22
3.4 Recursos humanos	22
4 Refletir, cooperar, criar: a prática do Ponto de Cultura CECIP.Megapixel	27
4.1 Ano um – Trabalhando com estudantes: afinando os instrumentos com o Grupo Focal	28
4.2 Ano dois – Trabalhando com estudantes e educadores: da tecnologia inovadora às linguagens audiovisuais	31
4.3 Ano três – Finalizando e avaliando o processo	35



5	Balanco dos resultados alcançados	37
5.1	Resultados quantitativos	38
5.2	Resultados qualitativos	39
6	O que aprendemos com esta experiência	43
	BIBLIOGRAFIA.....	45
	ANEXOS	46
1.	Filmografia: A produção do Ponto de Cultura.....	46
2.	Making of de <i>Vamos falar de Janaina</i>	50

Apresentação

O CECIP se tornou Ponto de Cultura em 2010. Isso foi para nós um reconhecimento pelos, àquela altura, 24 anos de trabalho em que se unem, inseparavelmente, educação, comunicação e cultura. Mas foi, igualmente, uma oportunidade a mais de compartilhar mais amplamente as experiências acumuladas ao longo desse tempo.

As experiências desenvolvidas como Ponto de Cultura são uma continuação desse percurso mas, principalmente, um enriquecimento em conjunto com todos que delas participaram.

Estamos vivendo um momento de crise, crise amplificada ainda mais pelos meios de comunicação, dentro de uma linha que parece nos levar de volta a um passado que não mais queremos viver. Uma das consequências desse clima é uma perplexidade paralisante. Tem-se a impressão de que não há nada a fazer, que nada se pode fazer. Mas o país respira sem aparelhos, graças a milhares, milhões de pessoas que estão ativas em seus afazeres e com isso fazem as coisas acontecer.

O educador Paulo Freire dizia que aprender a ler era fundamental, porque permitia o acesso a todo o patrimônio cultural acumulado pela humanidade. Em termos históricos, essa capacidade de ler e de pensar, a partir da leitura, é muito recente. Antigamente,

apenas uma elite pensante tinha acesso a esse patrimônio, que ficava inteiramente fora do alcance dos demais, com tudo o que isso significava em termos de poder. É com a Reforma Protestante e a invenção da imprensa que o acesso aos livros, a começar pela Bíblia, foi aberto a todos. Mas a luta por esse direito levou muito tempo para ser considerado como tal. Forças retrógradas, conservadoras, se opunham a essa democratização. No início dos anos 1960, Paulo Freire era um dos que tentavam superar esse atraso e chegou a um jeito original de estimular analfabetos a superar sua condição. Embora tenha havido avanços desde então, ainda há muito o que fazer entre nós.

Mas Paulo Freire não se contentava apenas com o aprendizado da leitura. Seu método de alfabetização foi considerado subversivo pelos que deram o golpe civil-militar em 1964, porque ensinava a pensar, a raciocinar. De fato, camponeses analfabetos descobriam, ao começar a examinar e discutir suas condições de vida, que estavam sendo explorados e que eram capazes de mudar sua situação. Descobriam que, mesmo analfabetos, chamados de ignorantes pelos “bem pensantes” possuíam saberes, produziam cultura. Uma verdadeira revolução, cujas armas eram o livre-pensar e a tomada de consciência. Instalada a ditadura civil-militar, seu primeiro Ato Institucional foi o quê? Acabar com a Campanha Nacional de



Alfabetização. Não queriam homens e mulheres pensando pelas próprias cabeças. Sobretudo não queriam que, tendo se apropriado da leitura, esses neo-alfabetizados passassem a ser capazes de também escrever, de contar sua própria história. Paulo Freire resumia assim o processo: “Aprender a ler significa poder conhecer o mundo. Aprender a escrever significa ter o poder de dar um novo significado ao mundo: significa mudar esse mundo.”

Já na segunda metade dos anos 1990, Paulo Freire falou na UERJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a um auditório repleto de jovens estudantes e seus professores, além dos profissionais de comunicação, vindos de várias partes do mundo, que participavam de um seminário sobre Comunicação e Democracia organizado pelo CECIP.

Paulo Freire foi desafiado por uma questão que lhe havia sido posta previamente: Como seria se o aprender a ler (compreender o mundo) e o aprender a escrever (mudar esse mundo) fossem aplicados, nos dias de hoje, à informação transmitida pelos

meios audiovisuais? O que significa “apreender” a televisão, aprender a ter um acesso crítico ao que ela transmite? E o que significa “apropriar-se” da metodologia de “fazer televisão”, isto é, aprender a produzir narrativas a partir de outra tecnologia, para além da palavra escrita?

Pois o aprendizado que a galera vem tendo ao longo desses anos de CECIP como Ponto de Cultura é exatamente este: o de se apropriar de uma tecnologia que lhe permita contar suas próprias histórias, dentro de um contexto criativo no qual questões éticas são uma parte fundamental da metodologia utilizada. Não se trata apenas de saber manipular uma máquina, um aparelho, um instrumento. Nem de aprender a contar uma história qualquer. Trata-se de incorporar ao próprio saber uma nova maneira de se comunicar, de organizar novos conteúdos, novas narrativas, para contribuir para mudar para melhor o mundo em que vivemos.

Claudius Ceccon

Diretor do CECIP



1 O CECIP, os direitos e as novas tecnologias de informação e comunicação

1.1 Uma organização ajudando a conquistar direitos e a construir cidadania

Há setenta anos, em 1945, sob o impacto incalculável do sofrimento causado pelo nazifascismo e pela Segunda Guerra Mundial, representantes de todos os países do mundo comprometeram-se com a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Este documento deveria inaugurar uma era de paz e tolerância entre as pessoas e as nações, era esta que não chegou, mas pela qual continuamos a trabalhar, movidos pela esperança. Em seu artigo 19, a Declaração proclama:

“Todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios, independente de fronteiras.”

A liberdade de receber informações de diferentes fontes, representando perspectivas diferentes e mesmo contraditórias, ou a possibilidade de ser um produtor / transmissor de informação e não apenas um receptor são condições essenciais ao fortalecimento da democracia e uma vacina contra os males do pensamento único, do fanatismo, e do dogmatismo que alimentam e perpetuam as guerras – as de ontem e as de hoje.



O direito à liberdade de opinião e expressão, como todos os demais direitos da Declaração, ainda estão longe de ser universais. Mesmo em países que se intitulam democráticos, como o Brasil, ele é ameaçado pelos grandes conglomerados da mídia, que, submissos ao poder econômico, tentam impor um padrão uniforme de perceber a realidade, de se alimentar, morar, vestir, divertir-se e, principalmente, de consumir acriticamente os produtos oferecidos pelo mercado.

1.2 A metodologia CECIP

Desde sua origem, em 1986, o CECIP (Centro de Criação de Imagem Popular) busca unir cultura, educação, tecnologia e comunicação para fazer avançar a democracia, universalizando direitos e empoderando pessoas de todas as idades para que façam valer sua voz e se descubram cidadãos ativos, comunicadores das próprias imagens e mensagens. Tudo começou com a TV Maxambomba – um telão sobre uma Kombi, que se apresentava nas praças de Nova Iguaçu, periferia do Rio de Janeiro – e se afirmou como uma das primeiras televisões populares do Brasil após-ditadura. Nela, as pessoas do bairro eram entrevistadas, contavam suas histórias, problemas e soluções, aprendiam a operar os equipamentos de vídeo, a gravar e editar seus programas. Com isso, descobriam que as imagens de uma realidade podem ter diferentes recortes, de acordo com o interesse de quem está por trás da câmera e na mesa de edição.

Essa educação democrática, participativa, com e pela mídia, presente nas ações da TV Maxambomba, iria permear todos os projetos subsequentes do CECIP, realizados em escolas ou em outros espaços educativos, fortalecendo uma cidadania movida a diálogo e a pensamento crítico.

A metodologia do CECIP fundamenta-se no pensamento de Paulo Freire, em sua Pedagogia como Prática da Liberdade e da Autonomia. Os elementos da abordagem freiriana que mais se destacam nos projetos do CECIP são: o **diálogo** como forma de comunicação e construção de conhecimento; a **leitura de imagem** como estratégia para deflagrar a análise crítica da realidade; a **ação-reflexão-ação** como princípio norteador das transformações desejadas na prática.

Para Freire, diálogo é

“uma relação horizontal de A com B. (...) Nutre-se de amor, de humanidade, de fé, de confiança. Por isso, só o diálogo comunica. (...) O antidiálogo, que implica uma relação de A sobre B, é o oposto de tudo isso. Não é esperançoso; é arrogante; autosuficiente. Quebra-se aquela relação de empatia entre os dois polos, que caracteriza o diálogo. Por isso tudo, o antidiálogo não comunica. Faz comunicados” (Freire, 2001, p. 68-69)

A leitura de imagem é uma forma de desenvolver o pensamento crítico, instigando a leitura da palavra, ligada à leitura do mundo, ou seja, “a capacidade de analisar as condições políticas e sociais que envolvem a vida das pessoas, para visualizar como estas condições poderiam ser transformadas” (Fundação Roberto Marinho, 2013, p. 93).

O movimento de agir-refletir-agir é definido por Freire como Práxis: “reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, fonte de conhecimento reflexivo e criação” (Freire, 1970, p. 76). O refletir sobre a ação implica uma Avaliação constante do que é realizado. A Avaliação, para o CECIP, faz parte do processo de aprendizagem e mudança, levando à busca sistemática de soluções para os problemas



identificados e tornando as práticas cada vez mais eficientes e eficazes.

Parte integrante da metodologia do CECIP são, também, os princípios do humor e da escuta ativa, marcas de dois de seus fundadores, Claudius Ceccon e Eduardo Coutinho. O uso do humor, como forma de dar leveza e ao mesmo tempo revelar aspectos não aparentes da realidade vem de Claudius, o arquiteto, escritor e cartunista que liderou a criação do CECIP. A escuta com atenção ao que o outro quer dizer, às suas necessidades, preocupações e desejos vem, principalmente, de Coutinho (1933-2014), o mestre do documentário que, com Paulo Freire e outros, compõe o grupo fundador da instituição.

Desta forma, a metodologia do CECIP contribui para a construção dos quatro pilares da Educação para o século XXI, como definidos pela Unesco (Delors, 1997): Aprender a Ser; Aprender a Conviver; Aprender a Fazer; Aprender a Aprender.



Para aplicar essa metodologia, o CECIP promove a formação contínua de **facilitadores de mudanças educacionais**¹, que, ao contrário dos professores tradicionais, não ensinam, mas organizam situações educativas com base no respeito às necessidades de pertencimento, autonomia e competência dos aprendizes, facilitando a construção cooperativa do conhecimento e de ações transformadoras.

1.3 Incorporando a evolução das TICs

É, então, com diálogo, senso de humor e escuta ativa, desenvolvendo o pensamento crítico, a cooperação e a potência para agir, que o CECIP acompanha e incorpora à sua práxis as TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação), acreditando que o acesso universal a essas tecnologias é hoje tão essencial quanto a educação e a saúde pública. Afinal, a comunicação é um caminho para a expressão cultural e para a percepção e representação social de si e do outro.

Projetos como o Vídeo Escola (1997) e o Botando a Mão na Mídia, sistematizado em 2003, utilizaram como recursos a televisão e o vídeo analógico para apoiar escolas em sua missão de desenvolver nos jovens a capacidade de ler criticamente a mídia e produzir seus próprios produtos audiovisuais.

O desenvolvimento acelerado das TICs a partir dos anos 1990 vem tornando obsoleto o modelo de comunicação em mão única, e a difusão da internet transforma cada cidadão ou cidadã em um potencial produtor e emissor de mensagens, divulgador de informações e de percepções singulares de uma realidade cada vez mais complexa, multifacetada – o que possibilita leituras de mundo ricamente diversas.

Assim, os projetos do CECIP que envolvem adolescentes e jovens investem cada vez mais na formação de lideranças e coletivos visando o desenvolvimento de suas potencialidades e qualificando sua participação no espaço escolar e na comunidade, por meio da formação na linguagem audiovisual e em atividades de inclusão digital.

Do Giz ao Pixel

Em 2008, o CECIP criou um projeto piloto, em parceria com a rede municipal de ensino do Rio de Janeiro e o Instituto Desiderata² – com o objetivo de ampliar o repertório de professores e alunos na utilização de TICs como apoio pedagógico ao processo de ensino e de aprendizagem.

O projeto **Do Giz ao Pixel – Ampliando o Leque na Sala de Aula** desenvolveu durante os meses de setembro, outubro e novembro daquele ano uma formação envolvendo professores e alunos de escolas municipais, na utilização de câmeras fotográficas digitais para a produção de vídeos, depois editados e exibidos em sites na internet. Ao longo desse processo, os participantes foram convidados a refletir e criar uma metodologia de utilização das novas TICs no cotidiano escolar. Simples e bem-sucedida, a metodologia gerou um passo a passo para a utilização de tecnologias audiovisuais na educação e na mobilização escolar, possibilitando a reprodução da experiência em diversas escolas. (A publicação que a sistematiza pode ser encontrada no link <http://www.cecip.org.br/site/do-giz-ao-pixel/>.)

Inspirando-se nesta experiência, foi criado o **Ponto de Cultura CECIP.Megapixel**, cuja história e modo de operar estão registrados a seguir.

¹ Um facilitador de mudanças educacionais é alguém que, em vez de transferir conhecimentos, utiliza-os para estimular os participantes a encontrar suas próprias respostas. Sua função é fazer com que as pessoas reflitam, e as desafia a experimentar novos comportamentos (Velzen, 1996).

² Organização que se propõe a ser um espaço permanente de formação de professores, reflexão e produção de conhecimentos/práticas educativas com adolescentes/jovens.



2 Como o CECIP se tornou um Ponto de Cultura



2.1 O MinC e o “Cultura Viva”

3 Um Pontão de Cultura é um Ponto de Cultura que se torna o “nó central” de uma rede local ou regional de Pontos de Cultura, passando a articulá-los e a disseminar suas realizações. Os estados e municípios devem solicitar a criação desta rede ao Ministério da Cultura, indicando o número de Pontos a serem selecionados (uma rede é constituída por, no mínimo, quatro Pontos) e se disposto a arcar com a contrapartida financeira mínima de um terço do valor total do convênio a ser firmado.

Antes de mais nada, é preciso relembra o que são os Pontos de Cultura e as circunstâncias em que o CECIP optou por se tornar um deles.

As políticas de inclusão digital, social e cultural do Governo Federal incluíram a criação e regulamentação, em 2004, do Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania – Cultura Viva (Portarias n. 156, de 06 de julho de 2004 e n. 82, de 18 de maio de 2005, do Ministério da Cultura / MinC). Executado pela Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural (SCDC/MinC), o Cultura Viva foi idealizado pelo historiador e escritor Célio Turino, sendo ministro da Cultura Gilberto Gil (veja box, p. 13).

Seu objetivo é incentivar, preservar e promover a diversidade cultural brasileira, ao contemplar iniciativas culturais locais e populares voltadas para atividades de arte, cultura, educação e cidadania. Amplia-se, desta forma, o acesso aos meios de produção, circulação e fruição de bens e serviços culturais. A base do Programa são os Pontos e Pontões de Cultura³. (Veja mais em www.culturaviva.org.br/programa-cultura-viva.)

Em 2010, podia candidatar-se a ser um **Ponto de Cultura** qualquer instituição ou organização da sociedade civil que, comprovadamente, desenvolvesse, por mais de três anos, atividades culturais e/ou artísticas diversas junto à comunidade, atividades estas que passavam a receber apoio do Estado. Para se tornar um Ponto de Cultura, a instituição precisava participar dos editais de seleção pública, enviando projetos que, se aprovados, recebiam o valor de R\$ 180 mil, distribuídos em três anos consecutivos. Podiam inscrever-se associações, ONGs – como o CECIP –, sindicatos, cooperativas, fundações privadas, escolas caracterizadas como comunitárias e suas associações de pais e mestres, ou entidades tituladas como organizações da sociedade civil de interesse público (as Oscips), e Organizações Sociais (OS). Os projetos não tinham um modelo ou padrão único a ser seguido, mas deviam, necessariamente, contribuir para a inclusão social e a construção da cidadania por meio da cultura e da arte. A seleção era feita por uma comissão de avaliação, composta por autoridades governamentais e personalidades culturais.

A instituição selecionada deveria incluir em seu orçamento o valor aproximado de R\$ 20 mil, para a compra de um kit multimídia, contendo, dentre outros

recursos, computadores ligados à internet, com software livre. Desta forma, o Cultura Livre se articulava ao Programa Cultura Digital, criado para fortalecer, estimular, desenvolver e potencializar redes virtuais e presenciais entre os Pontos de Cultura.

2.2 Cultura, educação e comunicação em comunidades de aprendizagens

O **Cultura Viva** do MinC / Secretaria de Cidadania e Diversidade Cultural e o **Programa Mais Educação**, do MEC (Ministério da Educação) / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), surgiram ao mesmo tempo, e com uma lógica comum, de inclusão e fortalecimento da cidadania, valorização do Território onde as pessoas vivem, produzem e aprendem, e estímulo à formação e fortalecimento de redes e articulações. O Mais Educação adota a abordagem da Educação Integral, uma educação que vai além da escolarização, tornando-se agenda prioritária para o desenvolvimento da cidade e ocorrendo por toda a vida. No que se refere à escola, implica não apenas a ampliação do horário, mas a implementação de um conjunto de atividades pedagógicas intra e extraescolares – estas últimas articulando-se à comunidade e suas manifestações culturais – que contribuam para o desenvolvimento integral dos sujeitos, em todas as suas dimensões (cognitiva, emocional, física). O lugar onde se estuda e onde se habita deixa de ser visto apenas como um lugar para ser o local de construção de conhecimen-

Cultura Viva: de programa a política nacional

Em julho de 2014, a presidenta Dilma Rousseff sancionou a Lei Cultura Viva, que transformou o então Programa Cultura Viva e sua ação estruturante mais conhecida, os Pontos de Cultura, na Política Nacional de Cultura Viva, simplificando e desburocratizando os processos de prestação de contas e o repasse de recursos para as organizações da sociedade civil.

Em fevereiro de 2015, foi aprovada uma Instrução Normativa do Ministério da Cultura que adota a autodeclaração como critério para definir o que é um Ponto de Cultura, permitindo que “quaisquer fazedores culturais” se cadastrem no Cadastro Nacional de Pontos de Cultura. Também a prestação de contas dos Pontos de Cultura foi simplificada. A expectativa era de que as medidas dobrassem o número de Pontos de Cultura, que em 2014 estavam em torno de 3,4 mil, espalhados por cerca de mil municípios dos 26 estados brasileiros.

Veja mais em: www.cultura.gov.br/cultura-viva1.



tos, e passa a ser entendido como **Território**, ou seja, o produto das redes de interações sociais, políticas e econômicas das pessoas que o constituem (Silva e Labroa, 2014).

Tanto o Cultura Viva quanto o Mais Educação convergem para um conceito caro ao CECIP: o de Cidade Educadora, ou Bairro Educador, uma cidade ou bairro em que governantes e sociedade civil se comprometem a promover ações articuladas e intencionais, conectando escolas e outros espaços educativos/culturais, para que a educação seja direito de todos,

não restrita ao tempo escolar, garantindo inclusão, respeitando a diversidade, incrementando a potência cidadã e o pertencimento. Tornam-se, portanto, somatórios de **comunidades de aprendizagens**, as quais, segundo Rosa Maria Torres, são:

“comunidades humanas organizadas, que constroem e se envolvem em projetos educativos e culturais próprios, para educar-se a si mesmas, a suas crianças, jovens e adultos, no marco de um esforço endógeno, cooperativo e solidário, baseado em um diagnóstico não apenas de suas carências, mas de suas forças para superar tais debilidades” (Torres, 1996).

Desde sua origem, O CECIP vem apoiando, por meio de seus projetos, a criação e fortalecimento de comunidades de aprendizagem nos mais diferentes territórios. Nada mais natural, portanto, que participar do quinto edital do Cultura Viva, nele inscrevendo o Projeto CECIP.Megapixel, baseado no bem-sucedido Do Giz ao Pixel. Assim, em 2010, o CECIP tornou-se um dos 2,5 mil Pontos de Cultura⁴ localizados em municípios de todos os estados, bem como no Distrito Federal, passando a fazer parte da rede de Pontos de Cultura do Rio de Janeiro, com apoio da Secretaria de Estado de Cultura.

⁴ Como vimos no box (p. 13), em abril de 2014 este número elevava-se a 3,4 mil, espalhados por mil municípios.



3 O Ponto de Cultura CECIP.Megapixel

3.1 Objetivos a serem alcançados no território

No período em que se tornou Ponto de Cultura, o CECIP estava localizado no Largo São Francisco de Paula⁵, na região central do Rio de Janeiro, um território onde se encontram alguns dos principais



5 A partir de 2014, a entidade mudou-se para sua sede própria, à Rua da Glória, 190, sl 202. Glória, Rio de Janeiro.

6 O Projeto do Ponto de Cultura CECIP. Megapixel indicava, como público-alvo número um, “estudantes do ensino médio”. Em seguida, os “jovens em situação de vulnerabilidade social” e “habitantes de regiões de grande importância para a preservação do patrimônio histórico, cultural e ambiental”. Como veremos à p. 32, a partir de 2011, a terceira prioridade tornou-se também a de número um, junto com a de atender estudantes de ensino médio. Dentre os “os “habitantes”, foram destacados os educadores, por seu poder de mobilizar os jovens, de intervir e transformar.

marcos históricos da cidade, como o palácio que abrigou a corte imperial, e o Real Gabinete Português de Leitura. Está próximo à Praça XV e ao porto que recebia africanos escravizados, os mesmos que iriam contribuir para a constituição da cultura nacional. Atualmente, é uma área marcadamente comercial, contendo escolas e importantes centros culturais e por onde circulam turistas das mais diferentes procedências, bem como cidadãos locais, com predominância das classes populares, que pouco frequentavam os bens e espaços educativos que as rodeiam.

O objetivo do projeto do **Ponto de Cultura CECIP. Megapixel** era formar, como produtores culturais, os jovens estudantes do ensino médio da rede estadual e outros membros da comunidade, capacitando-os a utilizar ferramentas simples como máquinas fotográficas digitais, celulares e programas de software livre, para

realizar vídeos sobre temas de seu interesse, voltados para o fortalecimento de sua cidadania e identidade cultural e, ainda, a identificação e utilização de bens e espaços culturais comunitários⁶.

Para tanto, os participantes deveriam desenvolver competências e habilidades para captar, selecionar e editar imagens, pesquisar conteúdos na internet, a decodificar mensagens audiovisuais com as quais se deparam na mídia impressa e audiovisual e aguçar o olhar sobre os espaços de produção e disseminação de cultura da região central da cidade do Rio de Janeiro.

3.2 Uma metodologia participativa do Ponto de Cultura

Ao longo destes anos, as fórmulas, os formatos, as configurações dos grupos e as linguagens utilizadas foram muitas – do documentário à ficção, da animação ao videopoema. Experimentamos, enquanto equipe de facilitadores, novas maneiras de trabalhar, a partir de uma metodologia focada em observar, experimentar, produzir, assistir e discutir.

A proposta metodológica das oficinas do Ponto de Cultura CECIP. Megapixel afinava-se com a metodologia da instituição, cujas linhas gerais já foram descritas aqui, e visava criar um espaço de experimentação de linguagens, estéticas, técnicas e narrativas envolvendo as tecnologias de produção de vídeos de baixo custo.

Neste movimento freiriano – de ação-reflexão-ação, fazer e pensar, repensar e fazer algo novo – que pautou todo o projeto, a parceria com o grupo de

aprendizes foi fundamental, pela generosidade ao dividir suas expectativas e avaliações e ao propor constantemente novas formas de se abordar as questões.

Seguem-se algumas características da metodologia do Ponto de Cultura, ilustradas por depoimentos de uma das facilitadoras do CECIP, Bárbara Moraes e de quatro participantes das Oficinas, Ana Paula Alves Ribeiro, uma jovem professora universitária, Dirce Galvão, uma experiente educadora, Fernanda Omena, na época estudante de ensino médio, e Mariana Chianca, na época estudante de cursinho pré-vestibular.

Facilitadores trabalhando em equipe para aprender sempre

“Outra coisa muito importante é que eu tinha um aporte pedagógico para pensar nesse projeto, sabe? A equipe me dava segurança e me formou. Cecília, Jiddu e Luiz foram muito importantes – e esse ambiente do CECIP, que é muito generoso com quem chega.” (Bárbara)

Planejamento e trabalho coletivo embasando as oficinas

“Havia planejamento, estudávamos bastante para planejar as aulas. A gente tinha um foco. Cada módulo a gente planejava – eu não me senti sozinha em nenhum momento em termos de planejamento... eu podia estar sozinha na sala de aula, mas nós três (Luiz, Cecília e Bárbara) estávamos sempre juntos planejando, o que era fundamental também para não perder o rumo.” (Bárbara)



Horizontalidade nas relações facilitador-aprendiz

“Eu tinha 19 anos e os aprendizes (a maioria) também. Que postura eu deveria ter? Eu era da idade deles! Embora estivesse numa posição diferente, estava dando aula para iguais.” (Bárbara)

Participação e diversidade

“Inicialmente, senti dificuldade em trabalhar em grupo por ser muito heterogêneo e ter referências muito distintas. No entanto, foi uma importante lição de vida; aprender a escutar o outro e exercitar o diplomata que existe dentro de cada um de nós.” (Mariana)

“Eu acho que os participantes mais jovens não são menos experientes. Cada um tem uma experiência específica na sua atividade. Eu não entendo nada de judô, ela é expert. Mas eu entendo de circo, então uma enriquece a outra. E é bom a gente trabalhar com jovem. Eu gosto. Porque a gente aprende à beça, até a se controlar. Tem coisas que você fazia e



não faz mais. A relação com a tecnologia é diferente, tudo muito mais rápido, então você tem que evoluir também.” (Dirce)

“Lembro que quando entrei para fazer as oficinas era uma turma com muitos adolescentes, mas nunca pensei não vai dar certo: não tinha nada hierárquico, era diferente mesmo.” (Ana Paula)

Atmosfera de acolhimento

“Para a primeira aula do curso, a facilitadora nos pediu que trouxéssemos um clip de um minuto filmado sem cortes que mostrasse quem somos. Já foi desafiante antes mesmo de começar! Foi uma forma interessante e bem dinâmica de conhecermos uns aos outros.” (Mariana)

“Era importante a hora do lanche: conversar, tomar um cafezinho, unir as pessoas. E essa relação facilitador-aprendiz também era muito determinante. A participação em uma oficina é um momento rápido na vida de alguém, então é preciso tentar fazer disso o melhor momento possível, criar uma empatia mesmo, uma relação pessoal, que depois conseguimos.” (Bárbara)

“Participar foi um presente. Era um presente, numa tarde de sexta-feira, ir para o Ponto de Cultura, para um final de semana leve, fazendo as coisas que a gente gostava. Por que não tinha peso, não tinha aquela coisa da obrigação acadêmica, não tinha nenhuma obrigação: era prazer, puro prazer. Prazer de fazer amigos, de ficar comendo bolo de milho na copa, no final da tarde, vendo o Eduardo Coutinho passar fumando. Gente! A gente tinha o prazer e o privilégio de ver o Coutinho passar fumando toda sexta-feira! De conviver com a equipe toda do CECIP durante esses meses. Acho que foi um baita presente do projeto que vocês têm, o projeto que vocês tocam.” (Ana Paula)

Estímulo e motivação

“E havia, principalmente, a questão da mística: como animar as pessoas para estarem lá? Então, por exemplo, quando acabava a oficina, nós fazíamos uma rodinha, batíamos palmas num entusiasmo, era uma espécie de celebração.” (Bárbara)

Liberdade de experimentar

“Não havia nenhum compromisso com um modelo único a seguir: a gente podia fazer o que mais nos interessasse. Nos *brainstorms* era muito divertido, pois sentíamos que podíamos radicalizar. A experimentação formal, estética, foi grande. Os adultos experimentavam um pouco mais que os jovens, talvez porque, com o grupo jovem, nos sentíssemos com a responsabilidade de orientar mais, principalmente em relação à temática.” (Bárbara)

“Na primeira aula, Luiz, o facilitador, disse que nós íamos fotografar e eles nos dariam as câmeras. Ele nos mandou para a rua fotografar o que a gente quisesse: era para tirar dez fotos e tínhamos que selecionar o

assunto com o olhar. Eu disse que era impossível, mas foi só na primeira hora, depois decidi me jogar e disse para mim mesma que estava ali para aprender e foi uma das melhores experiências!" (Ana Paula)

"Não tinha espaço para hierarquia, não tinha espaço para vergonha de errar, não tinha espaço para não querer aprender." (Ana Paula)

Cooperação

"Eu acho difícil escrever uma história e deixar o outro intervir nela. É difícil, também, você ordenar histórias diferentes, de forma que estas várias histórias tenham uma coerência. Parece fácil, mas não é. E nós conseguimos fazer isso, mesmo achando: ah! vai se meter na minha história? Ah, tirou aquela parte que estava tão legal. E isso para mim é muito rico. Porque com estas interferências você cresce, você aprende, você vê que não é só sua ideia que é legal. Não é só você que tem ideias, outras pessoas também têm ideias (...) Então, é um trabalho em grupo, que enriquece muito a gente como pessoa: a gente aprende muito. Aprende a dividir, aprende a trabalhar em grupo e que a gente não faz nada sozinho, tudo tem a interferência do outro direta ou indiretamente e isso é muito enriquecedor para todo mundo." (Dirce)

Desenvolvimento do pensamento crítico e ampliação de horizontes

"Os temas abordados no Ponto coincidiam muito com a realidade do lugar onde a gente morava e abordavam as dificuldades que jovens como eu enfrentam para burlar preconceitos e afins. Com as oficinas, pude atuar no meu ambiente, e na vida das pessoas que me cercam, de forma questionadora." (Fernanda)

"As Oficinas me puseram em contato com pessoas cujas referências e realidades eram bem diferentes, mas que possuíam um interesse comum, o cinema. A partir desta semente, as diversas histórias de vida foram permeando as discussões e produções em sala. Ao me abrir a estas novas ideias e incorporá-las à minha visão de mundo, meus horizontes foram ampliados. O cinema não precisa ser uma prática elitista de alto custo, está ao alcance de qualquer um com uma ideia na cabeça e vontade de botá-la no mundo." (Mariana)

Procedimentos estruturados

A liberdade de experimentação dos participantes era sustentada por procedimentos cuidadosamente estruturados como:

• Sensibilização do olhar

"Por meio dos debates e produções, pude perceber melhor o mundo à minha volta: com mais sensibilidade e, porque não dizer, com mais beleza. Porque, se hoje ouço mais do que falo e enxergo o mundo com mais clareza, devo aos conselhos amigos do queridíssimo Jiddu Saldanha, e de toda a equipe." (Fernanda)



• Identificação do tema

“Uma proposta da oficina era criar argumentos, e trocá-los entre nós. Eu falava sempre de religiões afro-brasileiras. Por que não fazer um vídeo sobre lemanjá? sugeriram. Eu disse que não queria, queria alguma coisa na linha do que já havíamos feito antes, mas falava sobre isso o tempo todo. E então o facilitador foi irredutível, dizendo que tínhamos que fazer alguma coisa diferente. Trouxemos tudo que tínhamos em casa: um trouxe revista, outro chita da escola, a Maria Alice trouxe as Barbies da filha dela, e acabamos gravando *Vamos falar de Janaina* no CECIP.” (Ana Paula)

“Foi bem legal, porque eu e a Lúcia já trabalhávamos juntas na Unircirco, então isso ajudou. E ela, também, conhecia o Seu João, nosso motorista nordestino. Escolhemos a história do Seu João que é do Nordeste, e foi muito legal produzir esse vídeo.” (Dirce)

• Identificação das formas de se abordar o tema ou questão

“Uma questão pode ser abordada de várias formas/ linguagens: multifuncional, poética, documentário, animação.” (Bárbara)



“Teve um vídeo, nas últimas oficinas, que era só com imagens dentro de ônibus gravadas com um celular. O tema afligia a dupla que o selecionara: eram pessoas que moravam longe, na Ilha do Governador, e passavam muito tempo no trânsito. Identificada a questão ‘Problema de mobilidade’, a discussão girou em torno de algumas perguntas básicas: Como a gente vai fazer isso? A gente vai fazer um vídeo falando mal do trânsito? Ou vamos fazer um vídeo poético? Elas optaram por fazer um vídeo poético, baixaram músicas da internet e foram fazendo o que elas queriam. Mas, fomos pilhando bastante também: façam o que quiserem, mas... que tal considerar estas outras opções? E aos poucos os vídeos foram se modificando em linguagem.” (Bárbara)

• Seleção da forma de tratamento mais realista/ adequada

“Lembrávamos ao grupo que era preciso considerar prazo, orçamento, o tempo disponível de cada um (as pessoas trabalhavam, estudavam).” (Bárbara)

• Decupagem das cenas em planos

“Recentemente, tivemos uma oficina com Bárbara, exclusivamente para que pudéssemos explorar ao máximo outras capacidades da câmera fotográfica digital. Com a noção de formatos, ângulos e posicionamentos diversos, saímos pelas imediações da nossa sede (CECIP), para desbravar as geometrias que o Centro da cidade nos oferecia. Uma semana depois, paramos para estudar a fundo as imagens que fizemos, e partimos para uma edição bem ousada, diríamos provocante para nós mesmos, pois gera uma série de dúvidas visuais que a equipe de edição apostou e pôs em prática.” (Comentário de participante no blog Cecip.Megapixel)

• Gravação com câmera fotográfica

“Fizemos um trabalho que foi muito legal sobre o Porto do Rio, em 2011. Foi um vídeo chamado Jogo da Bola e foi muito legal porque o facilitador me colocou para fazer um monte de coisas que eu não fazia antes. Eu tinha a maior dificuldade em pegar a câmera e, mais... tinha a maior dificuldade em falar de frente para uma câmera. Tinha dificuldade em colocar minha voz em um gravador e as meninas falavam: não, você tem que narrar o vídeo. Então, várias dificuldades eu tinha, em relação à câmera, em relação a me expor, em relação até mesmo a me colocar... e eu fui perdendo. E fizemos o vídeo com o material cedido, que não era profissional, e isso é que é importante. Pois quando você quer mostrar o que está pensando em imagens, não precisa ter o melhor equipamento, só precisa ter um equipamento. Se você tiver qualquer coisa que capte som e imagem, faz um trabalho legal e que pode ter qualidade também.” (Ana Paula)

• Montagem, edição

“Recebemos diversos estímulos criativos em forma de referências visuais e culturais para que depois formássemos grupos para criar um vídeo curto. Trabalhamos da conceituação à edição e montagem em equipe utilizando uma plataforma simples, condizente com a proposta de ‘cinema possível’. Ao final, a turma produziu dois curtas.” (Mariana)

“Em um exercício, cada um criou uma história; depois de cada um ter criado essa história nós tivemos que pegar um pedacinho de cada história e criar uma história comum que fizesse sentido, em que todos participassem. Eu gostei desta parte de edição: nós



O kit multimídia do CECIP.Megapixel era composto dos seguintes itens:

4 computadores Dell Vostro 220 Slim Tower core 2 Duo

4 conjuntos de (mesas e cadeiras)

8 câmeras digitais Canon Power Shot 10 MP

14 cartões de memória 4 GB

1 projetor Epson e tela retrátil

4 estabilizadores SMS Revolution

Como estes materiais podiam ser escolhidos de acordo com as necessidades reais de cada Ponto de Cultura, o CECIP, instituição que já fazia uso das novas tecnologias em suas ações, teve a possibilidade de comprar equipamentos que serviram para fortalecê-las ainda mais. Ao longo dos anos, mais itens foram adquiridos e outros foram renovados.



3.3 Recursos materiais

Como os demais Pontos de Cultura, o CECIP.Megapixel funcionou nas dependências da própria instituição. As atividades aconteciam em uma de suas salas, onde estava instalado o kit multimídia comprado com recursos do Programa Cultura Viva (veja box, p.21).

As turmas também utilizavam a ilha de edição do CECIP e espaços comuns, como a sala de reuniões e a copa.

O entorno do CECIP, seus equipamentos públicos, com rico referencial cultural e histórico, foi um importante recurso utilizado durante todo o processo.

tivemos que editar a história. Depois de editar a história tinha que dar um nome à história e gostei da parte, também, que nós tivemos que filmar e entrevistar uma pessoa.” (Dirce)

“Acho que a parte mais difícil foi editar. Nós colocamos as sequências da gravação, mas a gente tinha que cortar e ir encaixando, enquadrando o que nós fizemos, porque a gente tinha um tempo de vídeo, acho que era sete minutos e a nossa gravação era extensa, duas horas. Então, tínhamos que pegar as partes mais importante, porque tivemos um roteiro para seguir. Então, tinha muita coisa e nós tivemos que aprender a cortar, enxugar e ir colando uma na outra, foi a parte mais difícil.” (Dirce)

• **Exibição, com feedback da plateia**

“Exibir o meu vídeo para o público fez com que eu pudesse observar os erros e acertos.” (Dirce)

3.4 Recursos humanos

O Ponto de Cultura CECIP.Megapixel foi coordenado e animado por uma equipe de nove educadores apaixonados por cinema e pela prática da facilitação de mudanças educacionais:

- Monica Mumme, coordenadora de Projetos do CECIP até 2011
- Claudia Ceccon, coordenadora de Projetos do CECIP de 2011 em diante
- Cecília Figueiredo, coordenadora do Ponto, de 2010 a 2012
- Gianne Neves, coordenadora do Ponto, de 2013 em diante
- Jiddu Saldanha, facilitador, 2010
- Bárbara Moraes e Luiz Carlos Lima, facilitadores, de 2010 a 2012
- Carla Modesto e João Gilberto Lopes, facilitadores, de 2013 a 2014.

Abaixo, depoimentos de alguns membros desta equipe.

Gianne Neves

Entrou para a equipe do CECIP aos 11 anos de idade, participando, em 1994, do Projeto Repórter de Bairro, realizado pela TV Maxambomba. De lá para cá, vem se dedicando à realização de projetos e pesquisa na área de mídia e juventude.

Eu já trabalhava há tempos com jovens e mídia no CECIP, quando decidimos participar do edital da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro – SEC para Pontos de Cultura – e fomos selecionados. A proposta do CECIP.Megapixel, inspirada no Projeto Do Giz ao Pixel, era oferecer oficinas de vídeo aos jovens, nas quais eles utilizassem máquinas fotográficas para filmar – e o programa *Windows Movie Maker* para editar.

Acompanhei o primeiro ano do projeto; depois me afastei por um tempo, dedicando-me integralmente ao Mestrado em Ciências Sociais na PUC-SP. Ao retornar ao trabalho, passei a coordenar o Ponto de Cultura.

O CECIP.Megapixel ofereceu a base prática para minhas reflexões sobre as consequências de projetos sociais na vida de jovens, e inspirou a pesquisa em que abordei o caráter pedagógico da tecnologia de produção de vídeos.

A meu ver, o Ponto de Cultura CECIP.Megapixel demonstrou que é possível incrementar e qualificar a interação entre as pessoas e a cidade. Ao cooperar em grupos heterogêneos, produzindo vídeos sobre e em diferentes locais do território – como o Largo de São Francisco, a Zona Portuária, as Favelas da Maré



e Santa Marta –, os participantes puderam ampliar suas perspectivas e lançar um novo olhar sobre o mundo. Colocaram-se de forma diferenciada nos espaços, graças à mediação da máquina fotográfica. As interações entre os participantes, e entre estes e os facilitadores, fez do Ponto um espaço de construção coletiva de subjetividades e de socialização, fortalecendo o diálogo entre os cidadãos e a cidade.

Considerando a ampliação do acesso popular às novas tecnologias e a importância de se fortalecer a cultura digital no país, as experiências vividas no Ponto de Cultura CECIP.Megapixel apontam para a necessidade de se valorizar iniciativas que focalizem não a simples disseminação das tecnologias, mas a qualificação das formas de apropriação e uso das mesmas.

Afinal, o papel-chave das novas tecnologias de comunicação é o de se constituir enquanto ferramentas na formulação de novas demandas sociais e de participação. Essas tecnologias possibilitam uma nova organização perceptiva e adquirem diferentes sentidos. Um deles é o de mediar a produção cultural, quando as pessoas delas se apropriam e as utilizam para expressar-se de forma autônoma.

Acredito que os Pontos de Cultura sejam espaços de encontro entre as pessoas e suas diferentes realidades, espaços onde se produz cultura – uma cultura que lhes permite compreender sua condição peculiar –, favorece o pensar aberto e livre e estimula a ação para a transformação social.



Jiddu Saldanha

Curitiba, chegando aos 50 anos, formado em publicidade e morador de Cabo Frio, Rio de Janeiro. Performer, poeta fazedor de haicais, criador da escola de teatro Off Cena, do projeto Cinema Possível, do cineclube itinerante Cine Mosquito, que está sendo levado para outros estados. Lema: “Por mais que um instante seja breve, a caneta escreve.”

Sempre tive paixão pelo cinema; queria conhecer cinema. Ao assistir grandes e elaborados filmes, me veio um incômodo – um desejo de também fazer cinema. Um cinema que não fosse difícil, um cinema possível. Esta era a minha angústia. Como e o que seria este cinema fácil de fazer?

Em 2007, o amigo Artur Gomes me deu a resposta. Pegamos uma câmera fotográfica e a penduramos em uma vara de pescar, encaixada na cestinha da bicicleta. Passamos uma semana testando a câmera e vi que a coisa funcionava. Foi quando minha esposa, Chistiane Rothier, lembrou que um amigo nosso, chileno, havia feito um filme simples e maravilhoso com máquina digital oculta, filmando pessoas em ônibus e conduções das ruas de Cabo Frio. O segredo era um programa do *Windows* que editava filmes, ela não sabia qual. Era o *Windows Movie Maker*.

Com Chistiane me ajudando a ler os comandos do *Movie Maker* em inglês, e movido pela curiosidade, rapidamente explorei e dominei o programa. Cada vez mais empolgado, querendo saber mais, disparei a ler sobre técnicas de cinema. E logo comecei a produzir meus próprios filmes.

Eu havia aprendido e queria continuar aprendendo. Como uma das melhores maneiras de aprender é en-

sinar, decidi fazer meu primeiro trabalho com crianças em uma escola em Cabo Frio. Queria chamar o projeto de “Cinema Nosso”, mas já existia um com o mesmo nome, batizei-o de “Cinema Possível”. Deu certo.

Você aprende algo e compartilha com alguém. No caminho entre o que você compartilha e o que a pessoa aprende, ela acaba devolvendo a você um novo conhecimento, que ela constrói na hora. Guimarães Rosa estava certo em sua frase: “Mestre é quem, de repente, aprende”.

Além de trabalhar com as crianças da escola, passei a sair pelas ruas de Cabo Frio convidando pessoas a criarem seus filmes. Eu dava aulas de cinema a domicílio, e mais filmes foram produzidos.

Sem financiamento ou estrutura física, o projeto Cinema Possível estava de pé. Percebi que ele podia atender a uma demanda dos jovens em situação de risco social – uma garotada que pinta e borda com um celular na mão. A energia deles pode ser canalizada para a produção de audiovisuais. A partir daí, dá para discutir sobre a vida, sobre este desejo de ser artista que muita gente carrega dentro de si. O Cinema Possível também pode despertar e canalizar a energia desses jovens de classe média também, jovens que estão carentes de temática, alienados. Para esta galera, também, fazer cinema pode levantar algumas questões para reflexão.

Passados cerca de três meses do início do projeto, recebemos em casa a visita da Noni Ostrower, especialista do CECIP em Mídia e amiga de minha mulher. Mostrei a ela os filmes que já haviam sido criados. Noni me sugeriu entrar em contato com o CECIP, que tem uma linha de ação voltada para o cinema popular.

Então, cheguei e fui logo sendo convidado a compor a equipe de educadores do projeto Do Giz ao Pixel (veja p. 10) cujos princípios eram os mesmos do Cinema Possível. No ano seguinte, 2010, levamos a mesma proposta deste projeto ao Ponto de Cultura CECIP. Megapixel.

Atuei no Ponto de Cultura entre junho e dezembro de 2010, trabalhando com apenas uma turma de quinze jovens e desenvolvendo oficinas semanais de três horas. Ao fim delas já tínhamos vários filmes produzidos.

Continuo a fazer Cinema Possível em Cabo Frio. E a discordar da ideia elitista de que fazer cinema não é para qualquer um. Eu acho que, na vida, tudo é para qualquer um. O cinema não é possível só para um Spielberg, que conta com milhões em investimento. Eu faço o cinema possível para mim: são filmes em que invisto muito pouco dinheiro e me fazem sentir um Spielberg – com a mesma sensação de pertencimento ao mundo do cinema que ele deve ter. Eu me sinto portador de uma linguagem.





Bárbara Moraes

Formada em Ciências Sociais, começou a fazer Cinema Possível e enveredou pelo caminho do audiovisual, sempre dialogando com a Sociologia.

Comecei a fazer filmes com o Jiddu, no Cinema Possível. Também era atriz do Bicho de Porco, o grupo de teatro dele. Quando Jiddu foi convidado a coordenar o Ponto de Cultura CECIP.Megapixel, em 2010, ele me indicou como sua assistente.

Apreendi muito com Jiddu, a equipe do CECIP e os facilitadores Cecília, Luiz e Gianne. Em 2011, quando Jiddu deixou o Ponto de Cultura, comecei a dar as oficinas sozinha.

Neste mesmo ano, graças ao meu currículo – que mencionava os filmes feitos com Jiddu no Cinema Possível –, consegui uma bolsa de estudos para frequentar a Escola de Cinema Darcy Ribeiro. Diferente de outras Universidades, a Darcy Ribeiro tem um ambiente afetivo. Na minha turma, de 80 pessoas, 30 atuavam em Pontos de Cultura. Havia índios, quilombolas, pessoas das mais diferentes classes

sociais. Não era um ambiente Zona Sul, tipo “tô aqui porque tô pagando!” A gente estava ali porque não tinha grana e recebia uma bolsa. O grupo estava muito consciente de quem era, sabia o que queria, ia para as oficinas querendo aprender. Tinha um foco, não era preciso chamar a atenção: “ah! você está conversando muito”.

Foi uma experiência bem forte e intensa. Eu ficava muitas horas lá, como monitora – e depois ia para o Ponto de Cultura. Isso mudou bastante a minha vida.

Na Darcy Ribeiro, entrei em contato com teoria de peso em cinema: campo, contracampo, Ruy Guerra, linguagens cinematográficas. Estávamos sendo preparados para nos tornar cineastas, montadores, assistentes de montagem. Era uma formação profissionalizante.

Os focos da Darcy e o do Ponto de Cultura eram muito diferentes. Ao contrário do que acontecia na Universidade, onde havia um compromisso de formar profissionais capazes de se inserir no mercado, nas oficinas do Ponto de Cultura a proposta era sensibilizar o olhar, aprendermos juntos a fazer um filme possível. Os jovens queriam melhorar a prática do seu hobby, os professores, enriquecer a proposta didática nas escolas unindo cinema e educação.

Então, o que eu aprendia na Darcy Ribeiro não podia ser transplantado mecanicamente para as oficinas do Ponto de Cultura. Era preciso “traduzir” os conteúdos e atividades acadêmicos para uma linguagem muito diferente, usando uma abordagem lúdica. Por isso, foi essencial o trabalho em grupo com os outros facilitadores do CECIP.Megapixel, planejando, realizando e discutindo os resultados (veja observações sobre a metodologia adotada, p.8).



4 Refletir, cooperar, criar: a prática do Ponto de Cultura CECIP.Megapixel



4.1 Ano um – Trabalhando com estudantes: afinando os instrumentos com o grupo focal⁷

7 Grupo focal é uma técnica de pesquisa qualitativa, por meio da qual entrevista-se em grupo de pessoas para colher informações sobre determinado tópico, observando-se também a comunicação e as interações grupais. Neste caso, estamos denominando como “grupo focal” o grupo de jovens que, por meio de suas observações, avaliações e feedback constante sobre as oficinas de vídeo das quais participaram, nos ofereceram elementos para aperfeiçoar a proposta original e o modo de operar do Ponto de Cultura CECIP.Megapixel.

Os primeiros meses do projeto foram dedicados à formação da equipe de facilitadores de mudanças educacionais responsáveis pelas atividades do Ponto de Cultura, por meio de oficinas conduzidas pela então coordenadora de Projetos do CECIP, Monica Mumme, as quais possibilitaram o alinhamento teórico-metodológico do grupo.

Foram selecionadas as escolas que indicariam os estudantes de ensino médio para participar das oficinas de produção de vídeos no primeiro módulo de Oficinas. Decidimos trabalhar, de junho a dezembro, com um grupo focal formado por 15 estudantes do ensino médio de duas escolas da rede estadual de

ensino do Rio de Janeiro: o Colégio Estadual Júlia Kubitschek, de formação de professores, e o Colégio Estadual João Alfredo – ambos já haviam participado anteriormente de projetos em parceria com o CECIP, respectivamente, CITI (Construindo Informação, Transformando Indivíduos, 2008 e 2009) e Mudando sua Escola e Comunidade – Melhorando o Mundo (2009). A partir da observação do processo de aprendizagem, da avaliação dos resultados obtidos por este grupo e do seu *feedback* constante, poderíamos aperfeiçoar a metodologia que seria trabalhada nos dois anos seguintes no Ponto de Cultura.

Além disso, foi realizado um mapeamento dos espaços culturais do território da região central do Rio, e de Organizações da Sociedade Civil que poderiam atuar em parceria com o Ponto de Cultura CECIP.Megapixel.

Uma das salas do CECIP foi preparada para receber as oficinas e foram comprados os equipamentos do kit multimídia (veja p. 21).

Inauguração do Ponto de Cultura: a primeira turma

Realizamos com este grupo uma oficina com 27 encontros sobre produção de vídeo com máquinas fotográficas, de três horas de duração cada, nas quais foram trabalhados conteúdos, como cinefoto, filme sem som, videoclipe e introdução ao som, cinepoema e documentário. Sempre estabelecendo uma dinâmica de troca entre os participantes, a produção audiovisual tornava-se algo divertido e possível.

As práticas pedagógicas foram intercaladas com atividades que ampliavam e aprofundavam os conteúdos das oficinas: mostras internas de cinema que

chamamos **Viagem do Olhar** e visitas a espaços culturais da cidade. Nas Mostras exibíamos produções nacionais e estrangeiras (veja box, abaixo), com diferentes linguagens, apresentando aos participantes novas referências em termos de estilo, opção estética e abordagem de conteúdo. Isto possibilitava aos jovens exercitar o ‘ver/ouvir’ e criar uma conexão com realizadores: cineastas, diretores de fotografia, de arte e de vídeos, fotógrafos, e outros.

As Visitas Culturais levaram os jovens a espaços educativos como a Casa França Brasil e o Ponto de Cultura Tempo Glauber. Na Casa França Brasil os jovens, acompanhados dos facilitadores, tiveram a oportunidade de apreciar a Exposição Museu é o Mundo, com as obras do artista plástico Hélio Oiticica.

Com o apoio de um guia, todos puderam interagir com as obras, fotografar e gravar imagens de toda a exposição. A partir dessa visita foi produzido pelos jovens o vídeo *Não é foto...é filme*. No Ponto de Cultura Tempo Glauber, os estudantes tiveram acesso ao acervo do cineasta. Foram acompanhados pelo coordenador do Ponto, João Rocha, que contou ricas histórias sobre Glauber Rocha e apresentou equipamentos utilizados na época, como uma moviola e uma mesa de corte. Tiveram acesso a textos e fotos e participaram de uma sessão de filmes do diretor, quando foram exibidos *Pátio* (1959), *Maranhão* (1966), *Di Glauber* (1977). Essa exibição foi coordenada pela pesquisadora do Ponto, a qual conduziu um debate com o grupo logo depois do filme.

Produções apresentadas na mostra Viagem do Olhar, 2010

1ª sessão: *Outros*, de Gustavo Spolidoro; *Vida Maria*, de Márcio Ramos; *35 Haigas*, de Jiddu Saldanha; *Bolinha de papel*, de Débora Aranha; *Fuga*, de Lucas Muller.

2ª sessão: *Birds on the wire*; *Diversos Cine Haigas*, de Jiddu Saldanha; *La Isla Bonita Bonita*, com Madonna; *Alejandro*, com Lady Gaga; *Longe*, com Arnaldo Antunes; seleção de filmes do Ponto de Cultura; *Noites de um verão qualquer*, com Skank; *Na sua estante*, com Pitty; *Melô da Eleição* e *Melô do Pocotó*, de Helder Peixoto.

3ª sessão – *A história da eternidade*, de Camilo Cavalcanti; *Apanhador de desperdícios*, videopoesia de Manuel; *Urbanoide – demo*, de Jiddu Saldanha; *Fluxus*, de Jiddu Saldanha; *Urubu*, de Jiddu Saldanha; *Insistências*, de Bárbara Moraes; *Dry Milk*, de estudantes da UFMG.

4ª sessão – *Pátio*, de Glauber Rocha; *Maranhão 66*, de Glauber Rocha; *Di Glauber*, de Glauber Rocha.

5ª sessão: *Ilha das Flores*, de Jorge Furtado; *Do Giz ao Pixel*; *Um Olhar em Viagem*; *A história das coisas*; *Os Kuikuro*, de Vídeo nas Aldeias.

6ª sessão: *Surplus*, de Erik Gandini.

7ª sessão: *O dia em que Dorival encarou a guarda*, de Jorge Furtado; *Super size me – A dieta do palhaço*, de Morgan Spulock.

Ao final dos 27 encontros, organizamos a primeira **Mostra Cine Megapixel**, na sala de exibição do Ponto de Cultura Tempo Glauber. Foram exibidos todos os vídeos produzidos pelos jovens ao longo das oficinas (veja Anexo 1, p. 46). Na plateia estavam presentes os jovens, educadores e a equipe do Tempo Glauber, o que possibilitou a realização de um debate sobre as etapas de produção dos vídeos, o trabalho em equipe e os principais aprendizados adquiridos a partir das produções.

Mudanças na proposta do Ponto de Cultura, a partir do feedback do grupo focal e da Avaliação semestral

O projeto inicial do Ponto de Cultura previa um trabalho focado apenas em jovens estudantes do ensino médio e o seu principal atrativo para o público-alvo seria a aprendizagem do manejo, como filmadora, da máquina fotográfica digital, uma novidade tecnológica na época. Pensávamos, também, em trabalhar com

apenas um grupo ou turma por semestre. A partir da Avaliação do primeiro módulo de Oficinas, levando em conta os aportes do grupo focal, foi possível realizar mudanças neste formato.

• Em relação ao público-alvo

Os estudantes do ensino médio já não estavam mais tão interessados em explorar os recursos das câmeras digitais... elas tinham deixado de ser novidade. A saída foi, por um lado, descobrir um novo fator de atração (veja abaixo) e, por outro, enfatizar mais e considerar também prioritário o envolvimento de outro público, o dos jovens universitários, crianças e educadores, todos eles habitantes e/ou usuários do território da região central do Rio, de seus bens e patrimônios culturais. Para a maioria das crianças e dos jovens adultos, realizar vídeos com câmeras digitais continuava a ser um desafio. Além disso, os educadores se interessam muito pelas diversas possibilidades de uso didático do vídeo em sua prática pedagógica com crianças e jovens, além de exercerem grande influência sobre os jovens e serem excelentes multiplicadores.

• Em relação ao fator 'inovações tecnológicas'

De um ano para o outro, enquanto ocorriam as oficinas com o grupo focal, houve um barateamento da máquina fotográfica digital, o que permitiu sua rápida disseminação. O uso do programa de edição *Movie Maker* tornou-se corriqueiro. Os celulares filmavam com mais qualidade; apareceram novos programas; as pessoas editavam vídeos no celular e postavam na internet; surgiu o 3G. Levando em conta que, pelo menos para parte dos jovens, a ex-“tecnologia inovadora” perdera o poder de atração, deslocamos o foco da câmera digital para as linguagens audiovisuais que



podem ser trabalhadas não só por meio delas, mas utilizando-se de outros recursos. Estas linguagens, embora tivessem sido enfocadas em 2010, passaram a receber maior ênfase, principalmente nas turmas de jovens.

- **Em relação à quantidade de oficinas por turma**

Durante as atividades com o grupo focal identificaram-se muitas desistências e faltas. Alguns participantes não ficaram até o final das 27 oficinas do semestre. Assim, surgiu a ideia de planejar módulos mais curtos, e intensivos, de dois meses cada, para manter o grupo unido do início ao fim das atividades. Cada módulo seria composto por sete a oito encontros, um por semana, que continuariam a ter três horas de duração cada.

- **Em relação ao processo criativo e seus produtos**

O grupo focal mostrou que, apesar do contato com os filmes artísticos e experimentais da **Mostra Viagem do Olhar**, os jovens demonstravam certa dificuldade em se descolar dos modelos e referências da televisão. Para lidar com isso, decidimos introduzir com maior intensidade modelos que questionassem e representassem alternativas ao modelo televisivo. O planejamento das oficinas para o segundo ano incorporou novas experimentações visuais envolvendo a fotografia estática, algumas técnicas de animação e outros programas de software livre para edição de vídeo, com os quais havíamos começado a trabalhar ao final de 2010, a partir da Oficina de animação, realizada pelo núcleo de cultura digital da Secretaria de Estado de Cultura/SEC.



4.2 Ano dois – Trabalhando com estudantes e educadores: da tecnologia inovadora às linguagens audiovisuais

O segundo ano do Ponto de Cultura CECIP.Megapixel chegou com nova proposta.

Os jovens participantes do grupo focal em 2010 haviam se formado em suas escolas. Enquanto alguns escolheram o caminho do ensino superior e/ou do trabalho, outros permaneceram no Ponto de Cultura como monitores das novas turmas e também para desenvolver seus próprios projetos em vídeo.

Em 2011, as Oficinas de Vídeo funcionaram em quatro módulos bimestrais, sendo que dois deles abrigaram



duas turmas simultaneamente. Assim, o Ponto de Cultura foi frequentado por seis turmas, cada uma com cerca de 15 participantes, em média. Destas, duas foram compostas apenas de jovens, uma de crianças e jovens, duas apenas de educadores e uma de educadores e jovens.

Isto significa que o público se diversificou: além de estudantes de escolas de ensino médio, tivemos estudantes do ensino fundamental e universitários. Os educadores formais e não formais, bem como outros profissionais da Cultura, pertenciam a diferentes faixas etárias, mas eram predominantemente jovens e atuavam em escolas, na Universidade, em outros pontos de cultura, como atores, contadores de histórias, fotógrafos. Enfim, em seu segundo ano, o Ponto de Cultura acolheu pessoas de faixas etárias diversas, com um interesse comum: transmitir ideias e opiniões por meio da linguagem audiovisual.

A metodologia utilizada em cada módulo era avaliada constantemente – e aperfeiçoada. Nenhum módulo foi igual ao outro. As oficinas buscavam adequar-se ao perfil dos grupos participantes. Para a equipe de facilitadores o desafio de adaptação era diário e instigante. A cada atividade realizada, repensávamos a prática e debatíamos com os participantes os caminhos que trilhávamos juntos.

No entanto, sempre se manteve a proposta de intercalar atividades práticas e de experimentação com momentos de reflexão sobre o realizado.

A iniciativa de se proporcionar Viagens do Olhar aos participantes também teve sequência, com exibição de clássicos, como os filmes do francês Georges Méliès realizados nos primeiros anos do século 20, logo após a invenção do cinematógrafo pelos irmãos Lumière (*The Vanishing Lady*, disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=K4MnFACzKfQ>); produções de cineastas consagrados, como o documentarista holandês Joris Ivens, 1898 -1989 (*A chuva*, disponível em: <https://vimeo.com/11358153>), um poema-filme, mostrando a chuva em Amsterdã - e o armênio Artavazd Peleshian, cujos filmes são considerados sinfonias que falam sobre a humanidade, a natureza e o cosmos (*Life*, disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=n0KYuWEh_iU, de 1993) mostrando o rosto de uma jovem em trabalho de parto, e seu corpo visto como uma paisagem de onde emerge a criança.

Da mesma forma, continuou presente a estratégia de misturar a linguagem do vídeo com narrativas textuais e poéticas, com música e desenho – fontes de inspiração para a produção dos curtas.

A partir da exibição dos filmes produzidos em 2010 e que utilizaram técnicas de baixo custo, como *Tic tac tempo* (<http://www.youtube.com/watch?v=rVYrulqm-3w>) e *Break Art* (<http://www.youtube.com/watch?v=0tAuF0YYXKs>), foram organizadas experiências com curtas de ficção, nas quais os participantes elaboraram roteiros, decuparam cenas em planos, ensaiaram atores e gravaram com múltiplas câmeras. Realizaram-se documentários nas ruas, sobre temas complexos – transformações

urbanísticas no Centro do Rio de Janeiro e o direito de brincar –, e gravados com diversos suportes (celulares, fotografias, câmeras de vídeos e fotográficas). Os vídeos-poesia tomaram rumos inesperados e as animações foram trabalhadas das mais variadas formas. Tudo isso, cuidando da integração entre os participantes, que trabalhavam sempre em duplas ou em grupo (veja sinopses dos vídeos produzidos em 2011, no Anexo 1, p. 46).

A seguir, uma síntese do que ocorreu nos quatro módulos desenvolvidos no Ano dois, em relação ao tipo e número de participantes, foco das atividades e produtos resultantes das mesmas.

Módulo 1

Estudantes do Ensino Médio do Colégio Estadual Júlia Kubishtek

Os jovens tiveram seu primeiro contato com programas de edição audiovisual em *Linux – Ubuntu*. Começaram a conhecer os programas *OpenShot* e *Kdenlive*, com possibilidades e recursos superiores aos do *Windows Movie Maker Live*, pois, além de usarem a língua portuguesa, oferecem mais ferramentas de edição de legendas, mais faixas de vídeo e áudio e efeitos instigantes.

Gravaram imagens na escola com a participação e envolvimento de outros alunos, e as editaram. Aprenderam técnicas de animação em *stop motion* e *pixelation*, uma técnica nova até para a equipe de facilitadores e que se tornaria a principal linguagem trabalhada nas oficinas.

Módulo 2

Estudantes do C. E. João Alfredo, E. M. General Humberto de Souza Mello, C. E. Alexander Graham Bell, CIEP 208 Alceu Amoroso Lima, Ponto de Cultura Palco Escola e Casa da Ciência da UFRJ

Turma 1 – crianças e adolescentes de 10 a 15 anos, com a monitoria de jovens já formados nas oficinas do Ponto em 2010. Experimentação em vídeo e poesia a partir de poemas lidos e discutidos durante a oficina; atividade com desenho e texto para levantamento de tema para a produção de um vídeo; realização de um curta envolvendo toda a turma e utilizando animação com técnica de *pixelation*.

Turma 2 – professores, educadores de outros Pontos de Cultura e jovens. Realização de curtas a partir de poesias trazidas pelos educadores. Cada equipe sorteou um poema curto e produziu cinco *takes* de dez segundos que expressavam em imagens a mensagem do texto.



Módulo 3

Estudantes do C. E. João Alfredo, E. M. General Humberto de Souza Mello, C. E. Alexander Graham Bell, CIEP 208 Alceu Amoroso Lima, Ponto de Cultura Palco Escola e Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Comunicação Social – Jornalismo.

Turma 1 – educadores e jovens de escolas e universidade públicas e parceiros.

Formação em técnicas de animação com recorte e *stop motion*. O grupo escolheu o tema ‘tempo’ e decidiu como este tema poderia ser abordado a partir da linguagem da animação.

Turma 2 – participantes das Oficinas do Módulo 2 para aprofundamento. O grupo que participou do módulo 2 reuniu-se para aprofundar a linguagem do vídeo de baixo custo explorando técnicas de animação com recorte e *stop motion*. Escolheu a forma como tema que poderia ser abordado a partir da linguagem da animação. Este grupo também decidiu utilizar programas diferentes de edição de vídeo para experimentar outras interfaces.

Módulo 4

CES Senai, Colégio MABE, Museu da Maré Ponto de Memória Projeto Jovens Talentos FAPERJ.

Estudantes do ensino médio da rede pública e parceiros.

Iniciação na elaboração de um vídeo de baixo custo aliado à proposta de trabalhar com a poesia do cotidiano e despertar um olhar poético para cenas banais.

Em 2012, devido à interrupção do repasse de verbas, problema que se iniciara em 2011, o Ponto de Cultura CECIP.Megapixel funcionou parcialmente. O atraso nestes repasses para um grande número de Pontos de Cultura havia sido diagnosticado como um dos gargalos do Cultura Viva, em estudo realizado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), divulgado em 2014. A pesquisa, também identificara outros entraves na gestão do Programa, como sobreposição de competências, grande quantidade de contas pendentes e insuficientes instrumentos de monitoramento; mudanças seriam realizadas pelo Governo Federal a partir daí, visando superá-los (veja box, p.12).



Nesses quatro Módulos foram realizadas seis Oficinas, com 60 encontros, para cerca de 105 participantes. Em 2011, além dessas oficinas, o Ponto de Cultura realizou outras atividades com jovens e educadores, fora do CECIP, em turmas que participaram de um número menor de Oficinas. Estas não resultaram na produção de vídeos, mas introduziram a metodologia da produção de vídeos com câmeras digitais e outras ferramentas.

Oficinas de fotografia para os jovens do projeto Intercâmbios Juventudearte em UPPs⁸.

Oficinas de quatro horas, realizadas com 30 jovens das comunidades da Providência, Tabajaras/Cabritos e Salgueiro, no âmbito do projeto Intercâmbios Juventudearte em UPPs, coordenado pelo CEPP (Centro de Estudos de Políticas Públicas), tinham como objetivos principais apresentar noções e conceitos básicos de leitura de imagem, tais como enquadramento, retângulo mágico e os pontos áureos; e estimular os jovens a direcionarem um olhar mais atento e estético para suas comunidades através da prática da fotografia.

Para encerrar as atividades do ano, realizamos, em dezembro de 2011, a **II Mostra Cine Megapixel** –

um encontro com os participantes das oficinas de 2011 e de 2010 para exibição dos curtas produzidos nas oficinas do Ano 2 e debate sobre as produções. O evento foi realizado na sede do Ponto de Cultura e contou com a participação de 22 pessoas.

4.3 Ano Três – Finalizando e avaliando o processo

Devido a entraves burocráticos que interromperam as ações do Ponto durante 2012 e 2013, foi iniciado o terceiro ano do Projeto.

Nele, realizamos o sexto e último Módulo bimestral de Oficinas do Ponto de Cultura, com uma única turma e três oficinas, em parceria com outros projetos realizados pelo CECIP e por outras organizações. Os meses finais do projeto também seriam dedicados à avaliação e sistematização da experiência, processo que resultou na presente publicação.

Oficinas para os jovens do projeto Jovens e seu Potencial Criativo na Resolução de Conflitos

No segundo semestre de 2012, realizaram-se oficinas em 50 escolas municipais, de produção de vídeo com máquinas fotográficas, num total de 750 estudantes participantes do projeto Jovens e seu Potencial Criativo na Resolução de Conflitos, uma realização do CECIP com patrocínio da Petrobras e apoio e parceria da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro/SME.

Em novembro, foi realizada uma grande mostra de vídeo reunindo 650 alunos, de 45 escolas, na Unircirco Marcos Frota, na Quinta da Boa Vista.

⁸ Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), é um dos programas de Segurança Pública implantado pela Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro, no fim de 2008.



Oficina Dia da Luta Antimanicomial

Em maio de 2013 realizou-se uma oficina de produção de vídeo com usuários e técnicos dos serviços de Saúde Mental, com o objetivo de estimular os participantes a produzirem imagens relacionadas à loucura e que contribuíssem para a desmistificação dos preconceitos e estigmas e ao mesmo tempo mostrar a potencialidade da loucura.

A oficina, realizada com 15 pessoas, foi parte do evento Chegando no Ponto, em comemoração ao dia da Luta Antimanicomial, realizado pela TV Pinel, Programa de Comunicação Popular com atuação no Campo da Saúde Mental. Nela, com quatro horas de duração, trabalhou-se as noções e conceitos básicos de produção de imagem com máquinas fotográficas e edição. A partir de fotografias, os participantes produziram quatro vídeos sobre temas relacionados à loucura.

Oficina Vídeo na Unicirco

No segundo semestre de 2013, dez estudantes da Unicirco Marcos Frota – projeto social dedicado a apoiar jovens em situação de risco por meio da apren-

dizagem de atividades circense – participaram de uma Oficinas do Ponto de Cultura, com 12 encontros. A Unicirco já desenvolvia atividades com jovens em parceria com o CECIP e se mostrou interessada em oferecer aos seus alunos e equipe uma sensibilização na área de produção audiovisual.

A partir de um debate sobre o tema “Circo da peste de repente no Nordeste”, que estava sendo trabalhado para a montagem do espetáculo do circo e que era de interesse dos participantes – muitos dos quais com raízes no Nordeste, ou amigos nordestinos –, produziram-se três vídeos curtos: *Lindaci*, *o Menino*, *Dona Maria* e *Seu João*, documentários, todos sobre o mesmo tema (veja sinopse nos vídeos produzidos, no Anexo, p. 46).

A culminância do processo, fechando o trabalho com a **III Mostra CineMegapixel**, aconteceu em novembro de 2013, com a exibição dos vídeos produzidos como parte do evento de encerramento de um dos módulos de Oficinas da Unicirco. Uma plateia de cerca de 400 pessoas assistiu aos programas e aos números circenses feitos pelos alunos.

Oficinas durante o Seminário Intervalo: Mídia-Educação em debate

Por ocasião deste seminário, em abril de 2014, duas oficinas foram realizadas, com 25 professores de escolas do segundo segmento do ensino fundamental do município do Rio de Janeiro. Esta atividade foi uma iniciativa do Instituto Desiderata (veja p. 10). As oficinas tinham como objetivo sensibilizar professores para a prática da produção e edição de vídeo e provocar reflexão sobre o uso das diferentes mídias e redes sociais.



5 Balanço dos resultados alcançados

5.1 Resultados quantitativos

Do ponto de vista quantitativo, o Projeto atingiu plenamente seus objetivos.

Quanto ao número de oficinas

Entre os anos de 2010 e 2014, das sete oficinas de vídeo planejadas, 64 foram realizadas, envolvendo crianças, jovens e/ou educadores, cada uma delas com a participação de uma série de sete a oito encontros semanais, configurando um Módulo (a exceção foi a primeira turma, o “grupo focal”, que participou de 27 encontros). Além disso, séries menores de oficinas foram realizadas para turmas em parceria com outras organizações.

Quanto ao número de participantes

O Ponto de Cultura CECIP. Megapixel formou diferentes grupos em educomunicação, através do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Beneficiou diretamente 950 pessoas, indo muito além da meta mínima planejada (200 participantes). Indiretamente, cerca de 1.200 pessoas foram beneficiadas, ao participarem de debates realizados após a apresentação dos vídeos, nas quatro exposições públicas realizadas, como previsto.

Quanto ao número de vídeos produzidos

Foram produzidos 103 vídeos e clipes. A partir do segundo ano, a maior ênfase no aspecto formal, em linguagens visuais inovadoras, diminuiu a quantidade dos produtos, aumentando sua qualidade, e ainda, os vídeos feitos como exercício não foram contabilizados.

Quanto à disseminação dos produtos e da tecnologia social desenvolvida

Um número incalculável de pessoas passou ter acesso aos materiais produzidos e podem ser acessados nos links abaixo, para serem utilizados em processos formativos os mais variados.

- Blog do Ponto CECIP. Megapixel: <http://cecipmegapixel.blogspot.com.br/>

- Canal no You Tube, com 49 vídeos disponíveis: <http://www.youtube.com/playlist?list=PLRpW5NkxOipjhWNv75EpTUGA8yS7O6GrY>

A produção foi disponibilizada para a rede de cultura digital do projeto Mais Cultura de forma permanente, para que todos os demais Pontos de Cultura pudessem ter acesso a este acervo e à metodologia de multimídia utilizada no Projeto.

Mil exemplares desta publicação, com a sistematização da experiência, foram disponibilizados a parceiros estratégicos. A publicação também se encontra no site do CECIP (www.cecip.org.br) para download, possibilitando sua utilização / recriação em todas as escolas públicas e pontos de cultura interessados.

Quanto ao mapeamento e dinamização dos espaços culturais da região central do Rio

Para produzir os vídeos descritos no Anexo 1, p. 46, os participantes precisaram explorar e se apropriar de espaços e bens culturais da região central do Rio de Janeiro e adjacências, como o Largo de São Francisco, Projeto Tempo Glauber, Real Gabinete Português de Leitura, Centro Cultural Carioca, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS/UFRJ), Teatro João Caetano, Zona Portuária e Museu de Arte do Rio de Janeiro/MAR.

Puderam também perceber, com outros olhos, suas escolas e comunidades como as Favelas da Maré, Santa Marta e Manguinhos, aumentando o sentimento de pertencimento e autoestima, ao discutirem questões como a deficiência de algumas políticas públicas e ressaltarem realizações artísticas e culturais da população – da escola de samba à religião dos orixás, dos jogos infantis às tradições nordestinas.

Quanto ao fortalecimento de redes e articulações

Redes e articulações foram fortalecidas, entre o CECIP Megapixel e outros Pontos de Cultura, centros culturais, Universidades e órgãos públicos, contribuindo para a transformação do território em que se localizava o Ponto de Cultura em uma comunidade educativa. Alguns exemplos:

• Participação no Fórum dos Pontos de Cultura RJ/ES

“Eu já frequentava as reuniões do Fórum dos Pontos de Cultura e sabia que os Pontos não sabiam o que fazer com aquele equipamento digital todo que havia sido comprado. A Secretaria de Estado de Cultura ofereceu uma oficina de Linux, um grupo de mídia que estava ensinando a usá-lo. (...) O escritório de apoio aos Pontos acabou e tivemos a ideia de divulgar para os outros Pontos para que também participassem dessas oficinas e trouxessem os jovens para as oficinas a fim de aprenderem a usar os kits multimídias. E veio uma galera... só que não vieram os jovens e sim os próprios ‘ponteiros’, que não sabiam o que fazer com aquele monte de informação e começamos a dar as oficinas para os ponteiros.” (Bárbara)



• Participação nas TEIAS⁹

O CECIP esteve presente na TEIA Nacional, realizada em 2010, em Fortaleza, Ceará – um fórum formado por representantes dos Pontos de todo o país, com o objetivo de fortalecer o Sistema Nacional de Cultura. Esteve presente, ainda, nas TEIAS estaduais, de 2012, Teia do Encantamento, em Paraty, e na de 2015, Teia Musical: Tocando a Cidadania em Tom Maior, em Vassouras, Rio de Janeiro.

• Parceria com o Núcleo de Cultura Digital da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro

Participação de dez jovens nas duas Oficinas de Animação *Stop motion* utilizando o software livre *Linux Ubuntu*, realizada pelo Núcleo de Cultura Digital da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, na sede do Ponto de Cultura CECIP.Megapixel.

5.2 Resultados qualitativos

“Participar das oficinas do Ponto de Cultura foi uma experiência enriquecedora em muitos aspectos. Construí uma base de conhecimentos sobre cinema clássico que eu até então não possuía. Pude conhecer

⁹ Encontros que reúnem lideranças e produções dos Pontos de Cultura para o fortalecimento da Rede.



um pouco sobre a linguagem cinematográfica e aplicá-la de forma prática. Foi um primeiro contato com o universo de produção audiovisual, do qual hoje estou tentando fazer parte profissionalmente.” (Mariana)

“Venho trabalhando direto com muito do que eu aprendi com o CECIP, em Oficinas de vídeo e ao orientar meus alunos. Por isso digo, parafraseando Guimarães Rosa, que as prazerosas horas sem cuidados que passei no CECIP.Megapixel foram as horas de descuido mais cuidadas que já tive.” (Ana Paula)

Embora não tenha sido feito um acompanhamento sistemático para verificar em que medida os ex-participantes passaram a colocar em prática as aprendizagens construídas no Ponto de Cultura CECIP.Megapixel, pudemos observar que alguns deles, das primeiras turmas, realizaram produções próprias, utilizando material e estrutura oferecidas. Houve um vídeo sobre escola de samba, e outro com o Grupo Verdejar¹⁰. Este acabou registrando a última imagem de uma pessoa muito importante na comunidade, um poeta do Morro do Alemão, Luiz Carlos Matos Marins, falecido pouco depois. Um grupo produziu uma série de três vídeos, a partir de *O jogo da Bola*, criado no Ponto de Cultura. Até um livro, *O canto das concertinas*, baseado no vídeo do mesmo nome, foi produzido por ex-participantes.

O mais importante, ao nosso ver, foi constatar que mais de uma centena de jovens e educadores passaram a se reconhecer enquanto produtores de cultura, capazes de registrar suas visões da realidade e produzir sua própria informação, selecionando de forma autônoma temas que foram da violência urbana ao carnaval, do trânsito à loucura, das brincadeiras infantis à religiosidade popular.

Um exemplo do impacto das Oficinas do Ponto de Cultura CECIP na prática dos participantes está neste depoimento, gravado em 13/05/2014, à Gianne Neves e Carla Modesto, aqui registrado:

Ana Paula Alves

Professora universitária, formada em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pesquisadora na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) sobre cinema e cidade. Intitula-se “professora a vida inteira”. Veio de Minas Gerais para o Rio de Janeiro ainda pequena. Passou a infância e adolescência dando aulas com a avó. Por muito tempo deu aulas de reforço de história e geografia para crianças e adolescentes, parando apenas para prestar o vestibular.

Como chegou ao Ponto de Cultura CECIP.Megapixel

Na época do vestibular eu tinha mil opções e não sabia muito bem o que fazer. Então decidi, por conta dos professores de história da época do pré-vestibular, que eram muito legais, fazer inscrição para Ciências Sociais e passei na UERJ.

Durante a graduação eu fiz Antropologia visual – uma disciplina pela qual fiquei superapaixonada. Lembro como se fosse hoje, que o meu trabalho de conclusão de curso foi uma resenha sobre um filme da TV Maxambomba *Meu medo é não ser feliz* e uma entrevista com o Sérgio Goldemberg. A professora trabalhava muito com os filmes do Otávio Bezerra, do Eduardo Coutinho e os filmes do Sérgio Goldemberg. A entrevista com o Sérgio ficou tão legal que foi publicada

¹⁰ Grupo formado para contribuir para a valorização, recuperação e preservação do Maciço da Serra da Misericórdia - Patrimônio Ambiental, último fragmento de Mata Atlântica da Zona do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.verdejar.org>.

no *Caderno de Antropologia e Imagem*. E houve mais uma publicação sobre o Sérgio, fora do Brasil, sobre o filme *Profissão: doméstica*. Meu amigo Cristiano me falou das Oficinas de Vídeo do Ponto de Cultura CECIP.Megapixel e sugeriu que participássemos. Eu disse: ok, a gente não sabe nada de técnica mesmo, então, vamos ver o que o CECIP pode trazer para a gente.

Impacto do CECIP. Megapixel em sua prática

Ao apresentamos nosso curta na II Mostra CECIP. Megapixel, o diretor executivo do CECIP, Claudius Ceccon, nos deu várias sugestões para o *Vamos falar de Janaína*. As coordenadoras da área de Educação Infantil do CECIP estavam presentes e uma delas disse que eram raros, para criança, os materiais sobre o candomblé. Sugeriram: E se vocês fizessem um vídeo sobre todos os orixás?

Postamos o *Vamos falar de Janaína* no Facebook e todo mundo achava muito bonitinho. Um monte de gente escrevia: Vocês não vão fazer mais coisas? Minha amiga Maria Alice, professora da UERJ, chama a gente para conversar e fala: Olha, o NEAB (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros) está querendo fazer coisas e aquele vídeo de lemanjá foi tão legal! Vamos montar um projeto de produção de materiais sobre candomblé para apresentar à FAPERJ¹¹?

E a gente sentou, no início de 2012, para montar o projeto de um vídeo sobre orixás, tendo como base o *Vamos falar de Janaína* e contando a história da nossa participação no **Ponto de Cultura CECIP.Megapixel**.

Mandamos o projeto para a FAPERJ e ficamos espe-

rando o dinheiro sair, mas essa verba nunca chegava. Pensamos: Bom, a verba não vem, o que que a gente pode fazer? A gente pode, enfim, fazer o que dá!

A Maria Alice orienta bolsistas da graduação. Ela pediu que eles participassem do CECIP.Megapixel. Convidamos estes jovens a integrar o Projeto Orixás¹² e eles toparam. Era importante que os bolsistas vivenciassem a nossa experiência. Então, os estudantes passaram a frequentar as oficinas e a gente começou a construir o vídeo, a partir das referências que possuíamos então.

Estávamos levando adiante as ideias que Luiz e Cecília haviam apresentado. Queríamos fazer um vídeo nos moldes do que havíamos aprendido no CECIP. Então, a gente queria fazer animação, *stop-motion* para trabalhar com o tema orixás. Nós sabíamos que iríamos usar câmeras não profissionais e, também, que editaríamos com o *Movie Maker*, uma proposta do CECIP.

Passamos um ano montando o roteiro do vídeo sobre orixás. Usamos referências fotográficas. E música: a gente fez o vídeo escutando muito as músicas dos orixás.

Um dos frutos de nossa trajetória no Ponto de Cultura CECIP.Megapixel foi o vídeo *A lenda da criação do mundo e dos orixás*. Tem 15 minutos, feito em *stop motion*. Conseguimos prensar mil DVDs... com a capinha. A proposta, na realidade, é que as pessoas possam baixar o vídeo com capa, foto, encarte, tudo. Só precisamos, antes, registrar na Ancine. Mas o vídeo já está disponível na galeria Rio do Museu Afro Digital do Rio de Janeiro. E é muito visualizado. (Veja também texto de Ana Paula no Anexo 2, p. 50.)



11 Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

12 Projeto criado pelo NEAB, apresentado à FAPERJ, para produção de uma série de vídeos didáticos sobre orixás, inspirado nas experiências vividas no CECIP.Megapixel, quando o grupo produziu a animação *Vamos falar de Janaína*.

Queremos também deixar aqui registrado o depoimento da participante Dirce Galvão, gravado por Gianne Neves e Carla Modesto em 15 de maio de 2014.

Dirce Galvão

Foi presidente na Instituição da Ação Comunitária de Apoio Psicossocial, em Santa Cruz, Rio de Janeiro, e parceira na Unircirco, onde atuou, por três anos, como coordenadora pedagógica do núcleo da Unircirco em Santa Cruz. Dirce faleceu em outubro de 2014, aos 57 anos, e deixou um grande legado às crianças e jovens, com seu exemplo de alguém que aprendeu ao longo de toda a vida e usou o que aprendeu para melhorar o mundo. Deixou saudades por onde passou.



Como chegou ao Ponto de Cultura CECIP.Megapixel

A Livea, coordenadora geral da Unircirco, estava procurando jovens que fizessem a oficina de vídeo do Ponto de Cultura. Só que o jovem que faz circo só quer pular e saltar. Cata daqui, cata dali, não tem número, não dá... eu me interessei: eu praticamente não sabia nada sobre vídeo. Aí falei: ah! Livea, eu quero fazer. Posso? Minha colega Lúcia: ah, se ela vai fazer, eu também quero fazer! E a Livea disse: pode. Começamos a participar das oficinas.

Eu me interessei em fazer porque tinha muitas fotos lá do projeto e eu não sabia como organizar. Nós aprendemos a editar e eu não sabia como fazer a edição das fotos, como colocar em ordem. Não sabia como organizar as ferramentas de edição, não sabia

nada. Não sabia usar o *Movie Maker*. Eram muitas as coisas que eu não sabia, não dominava.

Impacto do CECIP. Megapixel em sua prática

Passei a usar mais a câmera e a fazer portfólios. Fiz um para prestação de contas da Ordem de Santo Agostinho; fiz um para o CMDCA (Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente); e fiz outro para o Viva Rio. Aprendi a diminuir fotos; enquadrar direitinho nos quadradinhos; aprendi a usar as ferramentas, procurar aquelas ferramentas de efeitos; aprendi a botar mais lento, mais rápido; aprendi isso tudo. Ainda não domino completamente, porque você tem que sentar e se dedicar. Mas aprendi bastante coisa.



6 O que aprendemos com esta experiência

Flexibilidade e adaptabilidade são essenciais à sobrevivência de um projeto

Estas qualidades nos permitiram mudar a tempo o público-alvo prioritário e adaptar o uso da tecnologia, substituindo o vídeo por máquinas digitais, diante da súbita perda de atratividade da tecnologia do vídeo por máquina digital e não desistir quando os repasses de verba forem interrompidos.

O uso de equipamentos de baixo custo tem limitações que precisam ser contempladas

“O que o CECIP ensinou para a gente foi usar equipamentos de baixo custo. A gente faz vídeos com aquilo que qualquer pessoa tem. O nosso maior limitador foi o programa de edição *Movie Maker*. A gente sabe que todo mundo tem, mas ele traz um transtorno. Outra limitação é que a gente não tinha um gravador que funcionasse como captura de áudio, gravador profissional, gravador tipo zoom. A gente usa gravador normal e celular.” (Ana Paula)

A qualidade dos produtos deve ser preocupação constante

“Olhando todo o material produzido, acho que foi importante dar esse passo, porque estávamos com uma produção muito grande de vídeos, já que os mais jovens produziam muitos vídeos devido à gana de produzir, com muita facilidade. Mas às vezes um grupo produzia três, quatro vídeos e o que se tirava

dali? O que aquilo significava para eles? Por outro lado, havia grupos que produziam um vídeo, mas você via que aquilo tinha sido trabalhado, pensado, tinha a ver com o cotidiano da pessoa.” (Bárbara)

Em uma oficina de vídeo para jovens a formação do olhar é tão ou mais importante que a aprendizagem da técnica

“Investíamos nessa formação do olhar, em assistir coisas, discutir filmes que a gente via e achávamos que era bacana, muito menos do que na ideia de falar ‘é assim que monta, é assim que filma’.” (Bárbara)

É preciso abrir caminhos para a continuidade de algumas aprendizagens

“Valeria a pena uma segunda edição das oficinas. Ah!, valeria a pena. Acho isso, porque eu faria de novo, para me aperfeiçoar... porque foi curto, foi um tempo muito curto, não deu para a gente aprender muita coisa. Aprendemos muita coisa, mas falta muito, porque para você editar um vídeo é muito complicado, requer muito tempo e técnica também. Então não é simplesmente o que aprendemos, de cortar aqui, cortar ali, é muito mais que isso, então eu faria de novo. E bom para a gente, porque agora já temos propriedade para falar com os jovens como é que é e o que é legal fazer. Que tudo que ele fotografa vai poder editar, ele vai poder botar numa ordem, botar música, efeitos... ele vai aprender essas coisas. Eu acho que é importante. Se puder acontecer uma nova edição do curso vai ser legal.” (Dirce)

Bibliografia

DELORS, J. Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, UNESCO, MEC, 1998. Freire, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, P. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

Fundação Roberto Marinho. "Educação como prática da liberdade/autonomia/cidadania – Paulo Freire", in Incluir para transformar, 2013.

SILVA, F. e LABROA, S. Avaliação do Programa Cultura Viva. IPEA, 2014. Torres, 1994

VELZEN, Boudewijn van. Education Change Facilitators: Craftmanship Effectiveness. Utrecht: APS, 1996.



Anexos

Anexo 1. Filmografia: A produção do Ponto de Cultura

Vídeos produzidos nas Oficinas do Ponto de Cultura disponíveis na internet

1. Luta suburbana

01'22" – 2010

Clip musical que, por meio de imagens do Centro do Rio de Janeiro, reflete sobre problemas relacionados ao transporte público, falta de estrutura para o trabalho e o trânsito.

2. Não é foto... é filme!

04'03" – 2010

De forma lúdica e divertida, o vídeo apresenta jovens e crianças explorando a Exposição *Museu É o Mundo*, com as obras do artista plástico Hélio Oiticica, na Casa França Brasil, localizada no Centro do Rio de Janeiro.

3. Comédia total (Making of)

04'33" – 2010

O vídeo apresenta os bastidores da gravação do telejornal, mostrando erros, desafios e alternativas encontradas para a realização do programa.

4. Comédia total

09'47" – 2010

Telejornal que aborda o tema da violência urbana, por meio de uma sátira ao formato dos telejornais apresentados pela grande mídia.

5. Sweet Dreams – Imitation Cover (Making of)

04'52" – 2010

Vídeo apresentando a preparação da equipe para a gravação do clip *Sweet Dream – Imitation Cover*.

6. Cidade Maravilhosa?

05'25" – 2010

Entrevistas e imagens do Centro do Rio de Janeiro que colocam em xeque o título de Cidade Maravilhosa, abordando a situação social, econômica e cultural do Rio.

7. Linkin Park – Give Up

03'47" – 2010

Releitura do clip musical do grupo Linkin Park, com a música *Give Up*.

8. Sweet Dreams – Imitation Cover

03'56" – 2010

Releitura do clip musical da cantora Beyoncé, com a música *Sweet Dream*.

9. Os cinco pilares da Aquarela do Brasil

03'0"4 – 2010

Videopoema refletindo sobre as belezas arquitetônicas do Brasil.

10. Soneto do amor total

01'31" – 2010

Vídeo com poema "Soneto do amor total", de Vinicius de Moraes.

11. A arte de ser carioca

01'55" – 2010

O vídeo apresenta fotografias de situações cotidianas vividas por diferentes pessoas no Centro do Rio de Janeiro.

12. Viajando no funk

01'56" – 2011

Ao som do funk, o vídeo apresenta espaços do Centro do Rio de Janeiro, como a Catedral Metropolitana, grafites em muros e pinturas em telas.

13. Os artistas

01'32" – 2011

O vídeo apresenta um artista de rua, um poeta, que mostra sua arte no Centro do Rio de Janeiro.

14. Tic TEMPO Tac

01'28" – 2011

Animação ilustrando a relação entre uma adolescente e a escola.

15. G.R.E.S. É Diferente Carnaval 2011 (Making of)

02'40" – 2011

Vídeo com os bastidores da gravação do desfile da Escola de Samba É Diferente.

16. G.R.E.S. É Diferente Carnaval 2011

05'48" – 2011

Vídeo de animação que reproduz um desfile de escola de samba, com comentários de uma equipe de repórteres. O vídeo reflete sobre a importância do carnaval para o Brasil e satiriza o sistema de cobertura que a mídia faz desse grande evento.

17. Breakarte (Manguinhos)

03'44" – 2011

Minidocumentário com o grupo de dança BreakArte, criado na favela de Manguinhos, localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro.

18. Elas

01'17" – 2011

Vídeo experimental em que duas amigas exploram juntas prédios históricos do Centro do Rio de Janeiro, como o Real Gabinete Português, Teatro João Caetano, Centro Cultural Carioca e Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS/UFRJ).

19. Brincando com imagens e palavras

01'33" – 2011

Ao som de charadas, o vídeo apresenta imagens que remetem à infância e ao brincar.

20. Stop

01'05" – 2011

Vídeo inspirado no poema "Stop", de Carlos Drummond de Andrade, que indaga: "stop a vida parou ou foi o automóvel?"

21. Passagem

01'25" – 2011

Ao som da música *Encontros e despedidas*, o vídeo apresenta o vaivém de pessoas no Largo de São Francisco, no Centro do Rio de Janeiro.

22. As cores do arco-íris

02'50" – 2011

Ficção que discute a relação entre a homossexualidade, o preconceito e o acesso ao mercado de trabalho.

23. Vamos falar de Janaína

02'26" – 2011

Com ilustrações do livro *Os princípios do destino: histórias da mitologia brasileira* e a música *Rainha do mar*, de Dorival Caymmi, a animação faz uma apresentação de Iemanjá.

24. Dia de artista

03'59" – 2011

Com imagens do Centro do Rio de Janeiro, como a Escadaria Selarón, na Lapa, o vídeo relaciona arte, trabalho, rua e cultura.

25. Art Rua

56' – 2011

Videopoema com diferentes imagens do Rio de Janeiro.

26. Jogo da Bola

05'53" – 2011

Com imagens da Rua Jogo da Bola, localizada no bairro da Saúde, Zona Portuária do Rio de Janeiro, o vídeo apresenta o local e o processo histórico das transformações urbanísticas na cidade.

27. Entre pés, bola e nuvens

03'15" – 2011

O vídeo traz a reflexão sobre a infância, por meio de imagens de um jogo de futebol entre meninos, em uma rua sem pavimentação.

28. Naves aves

02'02" – 2011

Em imagens em preto e branco, o vídeo faz analogia entre aves e aviões.

29. Passando na praça

01'18" – 2012

Com fotos, o vídeo faz uma apresentação em detalhes do Largo de São Francisco de Paula, localizado no Centro do Rio de Janeiro.

30. Um olhar diferente

01'48" – 2012

O vídeo mostra pessoas anônimas que transitam pelo Largo de São Francisco de Paula, localizado no Centro do Rio de Janeiro.

31. Natureza urbana

01'21" – 2012

O vídeo mostra a representação da natureza em meio aos prédios do Centro do Rio de Janeiro.

32. O sonho de Tupi

04'50" – 2012

Animação com a história de um gato que quer conhecer o mundo.

33. Ritmo do tempo

04'28" – 2012

Com imagens feitas em trem, ônibus e carro, o vídeo reflete sobre o trânsito e a situação do transporte público.

34. Peraí

01'35" – 2012

Com uma animação, o vídeo estimula o uso da bicicleta no Rio de Janeiro.

35. Cantinho das Concertinas

04'35" – 2012

O vídeo apresenta o espaço, localizado no CADEG (Central de Abastecimento do Estado da Guanabara), local de preservação da cultura portuguesa, com comidas e músicas típicas.

36. Se pá!, lavra

03'03" – 2012

Ficção apresentando várias cenas da vida cotidiana que envolvem a violência, o amor e o cultivo da terra.

37. Educação infantil – o direito da criança

5'08" – 2012

Com imagens de crianças em um dia na creche, o vídeo aborda o Estatuto da Criança e do Adolescente, no que se refere ao direito à educação infantil.

38. Lindaci

09'07" – 2013

Jovem da Paraíba veio tentar a vida no Rio de Janeiro e conta com bom humor os momentos de sufoco que passou na sua terra natal e no Rio.

39. Dona Maria

10'15" – 2013

A avó de uma das jovens participantes da Oficina, conta como foi sua infância no Nordeste, relembra sua família, trabalho e histórias curiosas da adolescência.

40. Seu João

08'21" – 2013

Nascido em Petrolina, em Pernambuco, conta sua trajetória profissional no Rio de Janeiro, destacando seu trabalho de liderança em diferentes comunidades onde morou.

41. Os cinco dançando

1'17" – 2013

A partir de fotografias, o vídeo enfoca temas relacionados à loucura.

42. Um dia feliz

1'18" – 2013

A partir de fotografias, o vídeo enfoca temas relacionados à loucura.

43. A nova marca da psiquiatria

1'10" – 2013

A partir de fotografias, o vídeo enfoca temas relacionados à loucura.

44. Através da liberdade

1'09" – 2013

A partir de fotografias, o vídeo enfoca temas relacionados à loucura.

45. Tico Tico no MAR

53' – 2014

Vídeo produzido por professores do ensino fundamental sobre a relação entre Mídia, Educação e o Museu de Arte do Rio.

46. Rio o tempo passa

46' – 2014

Vídeo produzido por professores do ensino fundamental sobre a relação entre Mídia, Educação e o Museu de Arte do Rio.

47. Intervalo: Oficina Teatro do Oprimido

57' – 2014

Vídeo produzido por professores do ensino fundamental sobre a relação entre Mídia, Educação e o Museu de Arte do Rio.

48. Intervalo: Oficina Cineclube

59' – 2014

Vídeo produzido por professores do ensino fundamental sobre a relação entre Mídia, Educação e o Museu de Arte do Rio.

49. Criando Intervalo

52' – 2014

Vídeo produzido por professores do ensino fundamental sobre a relação entre Mídia, Educação e o Museu de Arte do Rio.

Anexo 2.

Making of de Vamos falar de Janaína e Lendas dos orixás

Por Ana Paula Alves

I

Era uma vez três cientistas sociais interessados em cinema e recursos audiovisuais. Desenvolviavam alguns trabalhos em parceria e, por indicação de um deles, acabaram se matriculando nas oficinas do CECIP e viraram alunos do Projeto **Do Giz ao Megapixel**. Encontraram boa acolhida, fizeram bons colegas e aprenderam, principalmente, a produzir vídeos quase sem recursos e com baixo custo. No primeiro módulo, superinteressados nas transformações do Rio de Janeiro e do Porto da cidade, fizeram um curta documental com câmeras digitais de baixa resolução, que ficou bem legal e os animou a voltar para o segundo módulo. Com a mesma turma, embarcaram num projeto: vamos fazer algo diferente. Mas sobre o quê? A colega escolheu: lemanjá, e os três quase deram um ataque (na realidade chegaram a dar) porque pesquisavam também religiões afro-brasileiras. Ah, lemanjá?!?

Sim, lemanjá, enfatizou um dos orientadores.

Devido à experiência de um deles em animação e *stop motion*, resolveram fazer *Vamos falar de Janaína*? nestes moldes, uma brincadeira que durou três dias, muitas gargalhadas, fotografias de pentes e chitas, desfile de Barbies e papéis recortados, amassados, moldados. O curta, de menos de 4 minutos, conta a

lenda de lemanjá para crianças e, de tão colorido e musical, se tornou o xodó desse grupo, foi elogiado pela equipe que sugeriu que virasse uma série... Para quê?... Missão dada é missão cumprida!

II

Terminado o curso, em 2012, estes colegas se reuniram para pensar o que poderiam fazer juntos. Maria Alice Rezende Gonçalves, coordenadora do NEAB/UERJ e uma das integrantes, sugeriu que fizéssemos a Lenda dos Orixás para Crianças. O projeto foi adotado e acolhido com entusiasmo pelos outros dois integrantes daquele grupo do CECIP, Ana Paula Alves Ribeiro e Cristiano Cardoso, assim como pelos alunos do curso de Pedagogia e bolsistas do NEAB: Aline Braga Oliveira, Dayana Doria, Edna Andrade e Vinicius Pereira Oliveira.

Definido o projeto, começamos uma jornada pelos universos da mitologia dos orixás, o que nos levou aos mercados populares para comprar material para os cenários; a visitar lojas de artigos religiosos para comprar uma infinidade de estrelas, conchas, símbolos, e presentes; a conversar e fotografar lojas de tecidos; e a conversar com vendedores de ervas, a ler Pierre Verger e se encantar com as ilustrações

de Carybé ou as fotos de Mário Cravo Neto, a buscar referências em livros infantis ou nos filmes sobre orixás, mas principalmente a se respeitar e a se ouvir.

Neste processo, definindo como seria nosso trabalho, quem faria o que (e afinal todo mundo fez um pouco de tudo), precisávamos definir como seriam as representações dos orixás para as crianças. Conhecíamos o trabalho do Projeto A Cor da Cultura (Fundação Roberto Marinho, 2004) e queríamos fazer algo um pouco diferente e daí pensamos em bonecas. E começou outra peregrinação: que bonecas? Que tipo de boneca?

Procuramos artesãs que fizessem bonecas para saídas de santo, mas algumas não faziam todos os orixás e, às vezes, de uma para a outra a qualidade ficava muito diferente. Até que em julho, conversando com colegas em um congresso, uma delas falou: ora, vocês estão no Rio... E se tentassem as Abayomis? E saiu, tal como tinha entrado na conversa. Mas a Abayomi ficou. No retorno, entramos em contato com a Lena Martins, artista plástica e criadora das bonecas Abayomis, e começamos um flerte que virou namoro. Você pode fazer, Lena? Em quanto tempo? Grandes e pequenas? Alugamos, emprestamos ou compramos. E Lena topou. Passamos a comprar. E Lena, de primeira, entregou Omulu e Exu, e foi entregando os seguintes, conforme os tecidos que tinha em casa e

a vontade ou energia em fazê-los. Ganhamos mais uma parceira-amiga.

Em agosto, começaram a chegar os primeiros membros desta família e começamos a filmar em setembro de 2012. É março e estamos terminando. Filmagens e sessões fotográficas às segundas, às vezes às terças e sextas. Filmes curtos e muito *stop motion*. Fotos, livros e filmes de todos os tipos entraram como referência. Comidas para filmagens: já tivemos o dia da pipoca, do melão, do suspiro e aguardamos ansiosos o dia da jujuba. Ibeji será o último. E a edição que começa a seguir, muito inspirada por quem cantou e foi encantado pelos orixás, que vai de Dorival Caymmi e Maria Bethânia a Kiko Dinucci e Otto.

E assim, quase sem dinheiro, cada orixá foi adotado por um amigo, parente ou membro da equipe que só os receberão quando o projeto acabar. Assim, esperamos entregar nossa oferenda/presente ainda neste primeiro semestre editado pela Editora Outras Letras.

Desse modo, a roda dos orixás está se formando, trazendo boas conquistas e muito aprendizado para a equipe e para quem, de modo direto ou indireto, participou deste projeto.

Axé!

Ana Paula (janeiro de 2013)

Você pode:



Copiar, distribuir e exibir a obra.

Sob as seguintes condições:



Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.



Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.



Vedada a Criação de Obras Derivadas. Você não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições pode ser renunciada, desde que você obtenha permissão do autor.
- Nada nesta licença prejudica ou restringe os direitos morais dos autores.



Produzir vídeos com máquinas fotográficas não se trata apenas de saber manipular uma máquina, um aparelho, um instrumento. Nem de aprender a contar uma história qualquer. Trata-se de incorporar ao próprio saber uma nova maneira de se comunicar, de organizar novos conteúdos, novas narrativas, para contribuir para mudar para melhor o mundo em que vivemos.

Esta publicação conta as experiências vividas no Ponto de Cultura CECIP.Megapixel, um projeto do CECIP, realizado entre os anos de 2010 e 2015 com apoio da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, onde pessoas de diferentes realidades se encontravam para produzir cultura, por meio do audiovisual.

REALIZAÇÃO



APOIO



SECRETARIA
DE CULTURA

Cultura



Ministério da
Cultura

